

SL - CULTURAL

REVISTA

DA FUNDAÇÃO EDUCACIONAL
MONSENHOR MESSIAS

N.º 1 — JULHO — 1974

(92) D-

SL - CULTURAL

REVISTA

DA FUNDAÇÃO EDUCACIONAL MONSENHOR MESSIAS,
DE SETE LAGOAS, MANTENEDORA DA ESCOLA DE MÚSICA
"LIA SALGADO", DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS
E LETRAS, E DA FACULDADE DE DIREITO.

N.º 1 — JUNHO — 1974

Fundação Educacional
"Monsenhor Messias" - S. L.
- BIBLIOTECA -

SUMÁRIO

	Pág.
O Editor	
Esta Revista	5
Clóvis Salgado	
Problemas Educacionais	8
José Omar Guimarães	
A Educação no Tempo e no Espaço	12
Talma Joffre de Vasconcelos	
A natureza jurídica do casamento	18
Olinto Carlos da Fonseca	
A verdade dos mitos	22
Abílio Gomes	
Presença de Sete Lagoas	29
Mauro Andrade Rosa	
Direito-7 em tempo de comunicação	31
Francisco Timóteo	
A trova — de Provença à Sete Lagoas	34
Mariza da Conceição Pereira	
Canção do Berço Natal	38
Geraldo Miguel de Pinho	
Fundação Educacional Mons. Messias — Geratriz de cultura e de progresso	40
Judith Coelho Maciel	
O ensino em nossa terra	51
Equipe dirigida pela Prof.^a Ivone Campelo Ribeiro Brunetti	
Educação para o desenvolvimento	55
Concursos literários	59
Universidade de Sete Lagoas	61
Editorial do "Estado de Minas"	63
Gente da Revista	65
Diretoria da Fundação Educacional Monsenhor Messias	69

Esta Revista

Quando o presidente Abílio Gomes me disse que a Fundação pretendia publicar uma revista, compreendi logo o objetivo da idéia. A revista, nos moldes que imaginávamos, seria comunicação adicional entre professores e alunos, entre a Fundação e a comunidade setelagoana, entre esta região e o País. Este contato já foi iniciado pelo concurso literário, promovido por esta Fundação, em três gêneros, estendido a todo o Brasil. (Noticiário sobre concursos em outro local).

A aula moderna não é um monólogo. A Fundação pretende, além desse dialogar de todo dia, o outro, mencionado acima, numa intercomunicação sempre reatada.

O objetivo desta Fundação é a unidade na diversidade, contido na etimologia da palavra "universidade". O concurso, a revista, e a pedra fundamental do "campus", que ora se lança, mostram atos concretos no rumo deste objetivo. É o caminhar da Fundação Educacional Monsenhor Messias para a Universidade de Sete Lagoas, UNISETE.

Aqui estamos no primeiro número. O prof. Clóvis Salgado abre a revista com página lúcida sobre educação, onde os conceitos caminham em ritmo de esperança e de crença no ser humano. O ex-ministro da Educação, desde os primeiros tempos, foi dos que mais prestigiaram a criação da entidade setelagoana. Com o valor de sua cultura e a grande vivência de problemas educacionais, ele bem orientou os criadores de nossa Fundação. E até hoje o presidente da entidade tem em Clóvis Salgado um conselheiro de todas as horas.

Em revista de Fundação Educacional nada melhor do que deparar, ainda no pórtico, com excelente estudo sobre a educação no tempo e no espaço. É o que faz o prof. José Omar Guimarães, com dicção firme e pensamento alerta. O professor de Sete Lagoas movimenta-se entre as

idéias de Pierre Furter. Furter, que já esteve (ou ainda está) no Brasil, é autoridade competente na matéria.

O prof. Talma Joffre de Vasconcelos, grande civilista, elucida-nos sobre a natureza jurídica do casamento. O prof. Olinto Carlos da Fonseca, da U.F.M.G, que cursou durante anos universidade européia, comparece com "A Verdade dos Mitos".

O presidente Abílio Gomes, patrono da turma pioneira, que agora completa o curso de Direito na faculdade setelagoana, não poderia estar ausente da revista. Assim, publicamos trecho do memorial do presidente, que a Fundação juntou ao "Processo de reconhecimento da Faculdade de Direito". O excerto mostra como a Fundação mudou os rumos da cultura setelagoana.

O aluno Mauro Andrade Rosa, escritor e jornalista, mostra o que é o jornal da Faculdade de Direito, o "Direito-7", e observa com justeza: "No Brasil, de modo particular, os computadores e os arados manuais formam peças de um mesmo ambiente". Francisco Timóteo outro aluno, outro escritor, ex-presidente da U.B.T., vai buscar a trova na Provença e conta a história de sua chegada a Sete Lagoas.

Mariza da Conceição Pereira, professora, escritora, presidente do Clube de Letras, é, pela natureza desse mandato, a voz oficial dos escritores de Sete Lagoas. Mariza é uma das professoras mais queridas desta região, porque é uma das mais dedicadas aos alunos. Em página enterneçada, ela recorda os vultos de ontem: Mariana Pena, Cândido Azeredo, Vó-Fina, Inhazinha e Marciano Tão, Tão Júnior, Dr. Avelar, Teixeira da Costa, Edith Furst, Monsenhor Messias, Maurilo Peixoto, Camargos, Maria Amância, Herculino França, Fernandino Júnior, Zequita, René Guimarães, Agripa Vasconcelos, Jovelino Lanza. Olha com carinho para o "passado caminhando ainda" com "muita vida repartida": Nhô Quim Drummond, Dr. Hugo e D. Odila Silva, Dr. Afonso Vianna. Mariza dá bom dia ao "hoje, pintando de luz" e diz: "No agora de minha terra, a mocidade não precisa mais emigrar... tem carta de bacharel por aqui mesmo, que a Faculdade de Direito mora aqui. A gente pode sonhar Filosofia, entender Ciências, combinar Letras e despertar realizada em "mestre". (Duas centenas assim já despertaram)."

A história da "Fundação Educacional Monsenhor Messias" é página de glória para a região. É incentivo e esperança para os que chegam. Mostra como homens bem intencionados sabem trabalhar com amor. O estatístico Geraldo Miguel de Pinho, técnico em contabilidade, aluno da Escola de Direito, conta a história da Fundação, que mantém e dirige a Faculdade onde ele estuda.

D. Judith Coelho Maciel, presidente da seccional da U.B.T., mostra-nos o que havia em Sete Lagoas, em matéria de ensino, antes da Fundação Educacional Monsenhor Messias. E quem não conhece o trabalho de D. Ivone Campelo Ribeiro Brunetti ? A professora está na revista através de estudo de sua equipe na Delegacia Regional do Ensino. Trata-se de nova estruturação nos quadros do ensino em nossa terra.

Este é o número um de "SL-Cultural", revista da Fundação Educacional Monsenhor Messias. Concordância ou discordância é o que a revista espera. Para concretizar, de fato, a comunicação, fazendo nascer a **unidade na diversidade**.

Euclides Marques Andrade
Editor

Problemas Educacionais

Clóvis Salgado

Está escrito na Oração aos Moços : “O Criador começa e a criatura acaba a criação de si própria”. Nesse pensamento de Rui se resume não apenas uma verdade pedagógica, mas, indiretamente, se comete à escola e aos mestres, a mais nobre das missões : a missão de completar a obra divina.

Membro da Fundação Educacional Monsenhor Messias, quero inicialmente congratular-me com sua alta direção — Presidente e Conselho Diretor — pela expressiva e brilhante vitória que esta cerimônia representa, quando se diplomam 83 alunos de sua Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Minhas congratulações se estendem ao diretor, aos professores e alunos da Faculdade, principais autores do feito glorioso que juntos festejamos.

Não me esqueço também da valorosa gente de Sete Lagoas, culta e progressista, condignamente representada nesse auditório, numa confortadora demonstração de apoio a quantos concorreram, com devotamento, saber e trabalho, para que se tornassem possíveis os sucessos desta noite.

Nunca será demais, caros diplomandos, louvar os vossos esforços bem sucedidos, nem exaltar a contribuição inestimável que ireis prestar, como educadores, ao progresso e bem-estar de nossa terra e de nossa mocidade.

Cada qual vem ao mundo com certos dons inatos, que lhe marcam o destino como ser distinto dos demais. Aos mestres cumpre desenvolver essas características próprias a cada um, para formar personalidades originais e vigorosas. Nessa diversificação residem a força de cada indivíduo e pela união, a força e a riqueza do grupo social.

A dispersão genética nos faz a todos desiguais, como a indicar, na vida, o desempenho de tarefas distintas. Mas seríamos levados em direções divergentes ou antagônicas, se ficássemos flutuando ao sabor de nossos próprios

instintos, forças endógenas de natureza egoísta. Conduzir as energias individuais e instintivas na mesma direção, tornando-as sinérgicas e coerentes, é a outra face da obra educativa. Educar seria, no fundo, transformar instintos egoístas em comportamentos sociais, nobres e fecundos. Ao tempo em que se tira o máximo de cada um, procura-se levar cada qual e todos a atitudes solidárias, capazes de promover e garantir o bem-estar da comunidade.

Ao abrir os olhos para o mundo, o ser humano é apenas projeto de homem, ou seja, do ser adulto, apto a viver e conviver. Para guiar-lhe os vacilantes passos, a criança e o adolescente encontrarão toda uma trama de normas e tradições, de códigos e valores, a cuja obediência terá de conformar-se, mediante um processo de gradual ajustamento, do qual a escola é chamada a participar ativamente.

Para essa incorporação ao grupo, a criatura humana tem mostrado, historicamente, uma notável aptidão. De todos os animais, o homem é, sem dúvida, o mais educável. Seu poderoso cérebro permite-lhe, não apenas adquirir, acumular e desenvolver conhecimentos e habilidades, mas assumir atitudes conscientemente solidárias com os seus semelhantes, para a promoção do bem comum.

A educação há de dirigir-se a essas duas realidades, presentes

na criatura humana : o ser individual e o ser social. Deverá ensinar a fazer coisas, mas também o motivo pelo qual certas coisas devem ser feitas e outras não. O homem não é como as formigas, cujo destino já vem marcado por via genética. Ao contrário, cada homem quer e pode, numa larga medida, decidir de seu próprio futuro. A aspiração do homem atual é viver em uma sociedade aberta e democrática, participando, como par, de seu governo, de seus trabalhos e de seus frutos. A escola deverá desenvolver em cada aluno, não apenas as aptidões para o trabalho produtivo, mas as lealdades para com os valores morais e as virtudes que definem, compõem e fortalecem a sociedade democrática.

O bom cidadão não é aquele que se limita a observar as leis escritas. E' necessário que observe também aquelas virtudes de que as leis não cogitam, mas que estão na sua base, no seu espírito e nas suas intenções. Nenhuma lei nos obriga a amar o próximo ou o nosso País; a servir desinteressadamente; a amparar o fraco; a ser justo nas nossas decisões privadas; a cooperar com as obras sociais; a nos esforçarmos, além da obrigação formal, para bem desempenharmos nossas tarefas específicas. E assim por diante. Mas tudo isso, todo esse comportamento cívico e moral fazem parte integrante do código do bom cidadão. Esse ser social, de mãos hábeis e men-

te esclarecida, atuante e responsável, já não será mais aquele projeto de homem, egocêntrico por natureza, mas uma pessoa capaz de cooperar para o bem comum e a progressiva melhoria da condição humana.

A educação, caros diplomandos e futuros mestres, não é um valor em si mesma. É antes um processo de formar bons cidadãos para a democracia, não podendo, pois, ser concebida in abstracto, como pura especulação de nossa inteligência. Terá de inspirar-se nas aspirações e necessidades do grupo social em que se acha inserida. De fato, estará a serviço de uma determinada sociedade, em cujo seio terá de buscar os elementos definidores de seus princípios, de seus objetivos e de seus métodos. Mas esses elementos não podem ser tomados em sentido estático, de algo sólido e imutável. Antes deverão ser tidos como matéria viva, em plena evolução criadora, capaz de gerar novas formas, mais belas, mais justas e mais humanas. Essa a nossa crença fundamental: uma fé inabalável no futuro da humanidade, no poder da mente humana de criar um mundo progressivamente melhor, de formar cada vez mais altos padrões de civilização e de cultura. Nesse processo de contínuo aperfeiçoamento, a escola é convocada como a maior das instituições, pois das suas entranhas sairá o homem novo, talhado e inspirado para novas pelejas e renovadas conquistas. O homem

capaz de construir a nova sociedade, aberta e democrática, com que sonhamos. Sociedade que traga dentro de si mesma os germes e os elementos criadores de um futuro cada vez melhor, onde cada um e todos os homens se possam realizar em plenitude.

Nessa longa e infinita caminhada, estamos empenhados, todos nós, brasileiros desse final do século XX. Estamos procedendo a um exame crítico de nossa realidade. Balanço sincero para apurar deficiências, com o propósito de corrigi-las, mobilizando nossas reservas de civismo, inteligência e recursos naturais.

Para essa obra de desenvolvimento nacional, estais todos convocados, caros diplomandos. Ides preparar novas gerações de brasileiros, forças vivas do nosso engrandecimento. Nessa transcendente e gloriosa missão, estou certo de que encontrareis alento, conforto e recompensa para prosseguir, sem esmorecimento, os árduos trabalhos que ides enfrentar.

Para vencê-los com entusiasmo e galhardia, tendes o exemplo vivo desta escola e destes mestres, ilustres e devotados, que vos deram cultura, alma e inspiração.

Quanto a mim, honrado e desvanecido com a escolha cativante, aqui me encontro para participar, de alma festiva, desta cerimônia em que recebeis grau e licença para o exercício da mais nobilitante das profissões. Parti-

cipar não é tudo, venho também agradecer-vos o gesto generoso, homenagem que recebo com a mais grata emoção, nesse findar de um longo magistério. Homenagem que cresce de significação para mim, quando a consi-

dero partida do coração da mocidade, nobre, sincero, idealista. Eternamente grato, aqui ficam os votos que formulo para que a vida vos corra feliz e proveitosa, com os aplausos da terra e as bênçãos dos céus.

A Educação no Tempo e no Espaço

José Omar Guimarães

Neste primeiro número de uma revista de nível superior é bom que nossa reflexão refira-se à visão que, hoje, o homem faz do universo, de si mesmo e da educação, que é o instrumento através do qual o homem se põe em condições de relacionar-se com o universo.

Nossa exposição está calcada nos pontos de vista de um dos mais conhecidos pedagogos de nossos dias: Pierre Furter. Em sua trilogia: "Educação e Reflexão, uma introdução metodológica; "Educação e Vida", o esforço de uma antropologia dinâmica; e "Educação e Política", o problema da planificação — Pierre Furter repensa inteiramente o fenômeno educação. Servimo-nos sobretudo de sua segunda obra, onde Pierre Furter defende a tese da educação permanente.

O problema é de suma importância, porquanto se é verdade, conforme convicção ainda generalizada, que o homem é um ser encarnado no tempo e no espaço, é óbvio que a mudança no modo dessa "encarnação" vai modificar também a concepção que se faz da educação. Apresamo-nos entretanto em reafirmar que as idéias aqui propostas não têm nenhuma contribuição original do autor desse artigo, mas têm a vantagem muito mais relevante, de serem idéias que estão mais ou menos na cabeça de todo mundo.

A constatação inicial é que a educação deve ser considerada não apenas dentro de um tempo dinâmico, mas também dentro de um espaço em expansão. O espaço circundante do homem contemporâneo não é mais o espaço fechado dentro de limites geográficos ou culturais, mas é um espaço aberto do universo. Vivemos num mundo planetário. Se o mundo fechado de outrora dava ao homem uma sensação de equilíbrio e de tranqüilidade, a visão planetária do homem atual, abrindo-lhe perspecti-

vas quase infinitas, coloca-o numa posição de alerta e de procura. E é por isso que a cosmovisão moderna, ao mesmo tempo que é prenhe de possibilidades, sofre de tremendas limitações.

Uma das mais prementes é a provocada pela explosão demográfica. Apesar do processo de expansão, o nosso mundo não está conseguindo conter o crescente contingente humano. Não vamos, contudo, analisar tal problema. Indicamo-lo porque dele decorre uma outra explosão que aqui nos interessa: "a explosão escolar". Não se trata, porém, de causalidade única. Dois outros fatores, pelo menos, contribuem, ao lado do incremento dos nascimentos, para a "explosão escolar".

Primeiro, o surgimento de aspirações educacionais provenientes da tomada de consciência pelas massas, de seu direito à educação. Segundo, o ideal do desenvolvimento que leva o indivíduo a se sentir comprometido e por isso mesmo, responsável em termos de capacitação.

A "explosão escolar", portanto, deve ser pensada, não apenas quantitativa, mas sobretudo, qualitativamente; vale dizer: não só a amplitude dos sistemas educacionais, mas ainda a sua capacidade de acompanhar e orientar o desenvolvimento, devem ser levadas em consideração. A visão planetária do mundo exige uma transformação das estruturas dentro das quais a educação se "conformou".

Aeronaves a jato, foguetes espaciais, telecomunicações e tantos inventos mais, não são símbolos apenas de um mundo que se desperta. Trata-se de realidade plena de conseqüências tanto positivas, quanto negativas. Entre as primeiras podemos citar a ampliação das interrelações mundiais, a simultaneidade dos acontecimentos, a representação concreta da solidariedade planetária, os gestos e pensamentos medidos e pesados em plano universal, o diálogo das civilizações através de organismos internacionais e da política planetária; em resumo, a coexistência pluralista possibilitada pelo caráter pluridimensional e único do nosso planeta.

Entre as conseqüências negativas do estreitamento das relações internacionais, podemos lembrar o perigo da uniformização que, em lugar de suscitar o esperado e fecundo diálogo pluridimensional, provoca uma "banalização cultural"; a planificação, que muitas vezes conduz a uma civilização sem cor e sem caráter.

É o que se denominou "cultura de massa": mesmas imagens, mesmos sonhos coletivos, mesmos padrões comportamentais. Assim sendo, a conseqüência é o empobrecimento da comunicação cultural através de um rápido consumo das significações mais exóticas e mais superficiais das diversas culturas.

O pluralismo, fenômeno tão decantado em nossos dias, é faca de dois gumes : o lado positivo é expresso pela convivência simpática de diversas concepções de vida; e o lado negativo é a coexistência passiva que não é outra coisa senão uma capitulação e um esvaziamento da significação dos símbolos e dos sinais.

Se a visão planetária do mundo é mais dinâmica que a cosmovisão contemplativa tradicional, ela, por outro lado, peca por ser ainda mais espacial que temporal. Seja exemplo o fenômeno do urbanismo, identificado com a organização do espaço urbano, e não com um estilo de vida. Em educação, nota-se o mesmo fato com relação à introdução da disciplina cosmologia ou ao menos de noções cosmológicas que fornecem visões espacializadas e estáticas do mundo, sem atender à sua temporalidade e dinamicidade.

Conseqüências funestas dessa representação do mundo são, entre outras, a tentação de impotência e passividade; a visão essencialista do outro, identificação muitas vezes por seus traços raciais, culturais etc. e sobretudo a falta de uma perspectiva histórica : a perfeição do homem torna-se uma questão de ecologia, ou seja, sua adaptação ao meio, traduzindo-se, sociologicamente, em luta pelo "statu quo".

Ao invés de espacialização do tempo, o que é preciso é temporalizar o espaço, o qual vai-se modelando segundo as atitudes assumidas pelo homem. Preexistindo ao homem, o universo, contudo, não se manifesta a ele de maneira acabada, como um dado puro e simples. Manifesta-se-lhe como um campo de ação. O mundo tem um fim, mas um fim pensado pelo homem, não espectador, mas mediador de um processo.

A temporalização do espaço leva o homem à descoberta da pluridimensionalidade de perspectivas sob a forma de "possíveis", que, por sua vez, obriga o homem a constantes opções.

Outro problema da temporalidade é o julgamento do passado : o futuro torna-se tão ou mais importante que o passado. O presente funciona como uma ponte entre as raízes passadas e as perspectivas futuras. Já não se trata de uma sobrevivência do passado, mas de seu verdadeiro renascimento. O homem, como seu planeta, torna-se um peregrino.

O tempo, ao contrário do espaço apresenta-se como um risco, porquanto nada determina, mas inversamente, é pelo homem determinado, no sentido de ser utilizado na construção do seu destino.

Em tal contexto, a educação não tem mais a função preponderante de ajustar o indivíduo ao seu meio, mas, antes, proporcionar-lhe oportu-

nidades até então desconhecidas. Não será mais um ponto de chegada, mas um ponto de partida, onde o passado se liga ao futuro através do diálogo das gerações.

Mas a temporalização do espaço não levaria o homem a se considerar um titã ou um semi-deus ? A pergunta não é desprovida de sentido, pois a imagem do "super homem" não é invenção moderna, é uma velha história que se repete a cada tentativa de superação das limitações humanas. Neste caso, onde ficaria a preocupação com uma educação democrática e libertadora ? Diante de tais incógnitas, torna-se urgente que o homem dobre sobre si mesmo, que reflita sobre seu destino, que construa, enfim, uma antropologia condizente com sua cosmovisão atual.

Por duas razões, no entanto, a tentação do semi-deus parece superada :

A consciência que o homem moderno tem de sua historicidade faz com que ele não se sinta fruto de uma "geração espontânea", nem a caminho de um futuro vazio. Através da história, o homem se enraiza no passado, lança ramos no presente e se projeta prospectivamente no futuro. A dimensão histórica faz cada homem descobrir-se solidário à iniciativa alheia. Continua e será continuado. A história é uma construção inacabada onde a presença do outro tem inteira validade. A consciência dessa intersubjetividade leva o indivíduo a sentir-se, não o único, mas um dos inúmeros responsáveis pela construção do mundo. Toda iniciativa é válida contanto que leve em conta a iniciativa alheia.

Além da consciência da solidariedade, a própria interpretação do universo impede ao homem atual toda possessão orgulhosa da realidade, que apresenta-se-lhe, não em sua totalidade, mas fragmentariamente. É o que se chamou de mundialidade : o universo (ou mundo) mostra-se ao mesmo tempo como uma amplidão, como algo inacabado que provoca a ação humana, e como horizonte que o situa dentro desse mesmo universo.

A educação, então, tem por objetivo, não ajustar o homem a uma ordem preexistente, mas habilitá-lo para construir uma ordem que se pretende dar ao mundo. Claro que tal objetivo extrapola às possibilidades dos sistemas escolares e abrange toda a vida humana, exigindo uma ação educativa contínua.

A significação e a possibilidade de tal tarefa aparecem na dupla função do universo : limite e provocação. Se de um lado, o universo não pode ser abrangido em sua totalidade e se, por outro lado, o homem deve definir-lhe os contornos, é evidente que o mundo do homem deve ser um mundo humano, criado à sua imagem e semelhança.

O aspecto indefinido da forma a ser dada ao universo inclui a possibilidade do erro e do fracasso, mas a consciência da intersubjetividade e a solidariedade humanas e a busca contínua de uma cosmovisão mais objetiva torna possível a perseguição de metas e de objetivos.

Em tal situação toda elaboração de cosmologias será prematura. O que se pode e, aliás, se deve tentar é, ao contrário, uma antropologia, uma interpretação do destino do homem, que o defina e defina seu papel na organização do universo. O que conta não é mais o "meio", mas a própria humanidade intimada a uma ação conjunta. A consciência das limitações e da transitoriedade do esforço humano imprime à antropologia seu caráter essencial de temporalidade.

Essa temporalidade, porém, que afasta a tentação metafísica de uma cosmologia que retratasse com perfeição o macrocosmo, pode levar ao outro extremo de construir-se um microcosmo, ou seja, uma antropologia fechada em que o homem é retratado "de corpo inteiro", segundo um ideal pré-estabelecido. Neste caso, a educação teria por objetivo, não mais ajustar o homem a seu meio, como na tradicional visão cosmológica; mas "protegê-lo" da poluição ambiental.

A antropologia exigida em nossos dias é, ao contrário, uma antropologia aberta. Que parta não de um ideal, mas de uma aventura. Que retrate o homem que se descobre e que cresce não apenas nas fases da infância e da adolescência, mas em todas as fases da vida. É a idéia que se tem através do conceito moderno de maturidade: crescendo continuamente, o homem teria necessidade de uma educação permanente.

Como conclusão digamos uma palavra sobre o crescimento humano. Ele se expressa através da atividade prática e crítica do homem sobre o universo: é a "praxis humana". Não apenas uma nova visão, mas uma posição nova é o que se exige do homem moderno. Em outras palavras: é necessário uma atitude valorativa radical. Não é possível adotar valores novos sem negar valores opostos superados. É preciso que o homem assuma sua condição de peregrino, de "homo viator", que não ceda à tentação de construir mansão definitiva, mas que, ao longo da jornada, vá levantando tendas temporárias. É claro que desalienando-se de falsas raízes o homem se arrisca a novas alienações, mas é na disposição de ir superando cada nova alienação que o homem paulatinamente se humaniza.

Essa humanização expressa-se concretamente através do trabalho humano. Nesse ponto devemos reconhecer o papel importante da técnica que veio libertar o trabalho do desprezo multisecular que lhe atribuía a

educação humanista ou, melhor, formalista. Não se deve, porém, chegar ao extremo oposto de se ver no trabalho humano e na "praxis humana" em geral, uma forma moderna de edificação; mas sim um instrumento de humanização.

É nesta altura que, para finalizar, acenamos com o papel ímpar da educação: ao mesmo tempo que vai desalienar o homem de falsas seguranças, deve "libertá-lo" do sentimento de senhor absoluto de seu destino. Através da educação, o homem deve tomar consciência de sua missão de construir o mundo dentro de seus limites humanos, consciente de sua liberdade responsável.

Diante da grandeza da tarefa e da consciência de nossas limitações, fixemos a imagem sugerida por Pierre Furter: "O horizonte não está lá para nos trazer de volta à origem, mas para nos permitir medir toda a distância que devemos cobrir daqui até lá. O olhar para o horizonte não se resolve na fuga para trás, até à casa, mas me descobre caminhando — "homo viator" — construindo uma casa apenas para o tempo necessário, para depois, de novo, progredir".

BIBLIOGRAFIA :

- Furter, P. : Educação e Reflexão
- Furter, P. : Educação e Vida
- Furter, P. : Educação e Política
- Salman, D.H. : O Lugar da Filosofia na Universidade
- Lima, H. Vaz : Cultura e Universidade
- Pereira, L. e Foracehi, M.M. : Educação e Sociedade
- Durkheim, E. : Educação e Sociologia
- Teixeira, A. : Filosofia da Educação
- Lima, L.O. : A Escola Secundária Moderna.

Natureza Jurídica do Casamento

Talma Joffre de Vasconcelos

É difícil, e porque não considerar problema intrincado, analisar a natureza jurídica do casamento.

Desde o século passado, os juristas mais renomados se entregaram a esta pesquisa, e quando se esperava chegar a solução harmônica, o que se viu foi aumentar ainda mais a dúvida que a questão suscitava — quer pela divergência entre os doutos — ou seja pela paixão que o tema criou.

O casamento, até o século dezoito, era concebido apenas como sacramento, criação que foi, nesse sentido, do Cristianismo, e especialmente da Igreja Católica, na sua forma mais evoluída, já que existiu desde os primórdios da civilização.

E, nesse campo, pensamos não poder procurar ainda aquilo que nos dispomos a encontrar, que é o casamento, sob o ponto de vista do direito.

Não podemos nos esquecer que, se Santo Tomaz, traduzindo o ponto de vista, “in Ecclesia”, viu o casamento como sacramento, já Santo Agostinho, vislumbrou na sua enunciação, em forma também sacramental, algo de contratual, ao postular : — “Hoc enim custoditur in Christo et Ecclesia, ut vivens cum vivente in aeternum nullo divortio separetur”. Mas, se há no seu enunciado a idéia de acordo, o cerceamento da vontade, contida

na indissolução do vínculo, é elemento negativo.

— Pelo Concílio de Trento, a Igreja evoluiu mais no sentido do acordo de vontade.

“Matrimonium est viri, mulieris que maritalis coniunctio inter legitimas personas individuum vitae consuetudinem retinens”.

Se a questão, do ponto de vista da Igreja, sobretudo da Igreja Católica, que nos deu o sentido moderno do casamento, como ele-

mento ainda de criatividade social, continua no campo da fé, consubstanciada no sacramento, não fugindo daí o próprio direito canônico, mesmo na sua forma contratual específica, — passemos a examinar a tese, sob o ponto de vista estritamente jurídico.

— Os romanos, precisos no definir, pouco avançaram na conceituação jurídica do casamento.

Modestino, quem primeiro nos deu a definição do casamento, assim proclamou : “Nupciae sunt coninctio maris et feminae, consortium omnis vitae, divini et humani iuris comunicatio”.

A idéia de acordo de vontade é apenas vislumbre de forma contratual. Gaio, pouco avançou nas Institutas.

E, se o casamento civil, apareceu na Holanda, segundo Pontes de Miranda, no século dezesseis, só no século dezoito, depois do código civil francês, foi que a idéia de casamento contrato, eclodiu com intensidade.

Daí, face a nova concepção do Código de 1804, não só na França, como na Alemanha, a discussão atingiu as raias da paixão.

O casamento seria, realmente, um contrato ?

O novo código assim o havia definido.

Os juristas se puseram a campo e, se se permite a expressão, a refrega foi tremenda.

Como a nova concepção do casamento contrato encontrasse ferrenhos opositores, não demonstrou que nova idéia surgisse, procurando encontrar melhor forma para a estrutura jurídica do casamento.

E, assim se expressavam Planiol-Ripert : “— Durante cerca de siglo la cuestión de la naturaleza del matrimonio no se planteó, porque la respuesta era casi unánime e indiscutida : se consideraba el matrimonio civil como un contrato”.

Esse impacto, criado pelo advento do Código Napoleônico no campo do direito civil, prevaleceu por mais de um século.

A situação foi se alterando, e a idéia de contrato já não era tão vigorosa.

Entre nós, também dominava a idéia do contrato, com os juristas da época, com poucas exceções, entre elas, Lafaiete, que definiu o casamento como “UM ATO SOLENE”

Mas, ainda os juristas novos, entre eles Spencer Vampré, Pontes de Miranda, Clóvis Beviláqua e outros, se filiaram à forma contrato.

Com o correr do tempo, não demorou que novas idéias surgissem, e assim, a concepção de casamento instituição tomou vulto, e, pode-se dizer, empolgou o campo das indagações.

E, podemos ver, ainda em PLANIOL — RIPERT, a nova idéia de Instituição, contidas em suas próprias palavras : “— El matrimonio es una institución y de orden publica, y por eso se explica que sea obra del representante del Estado”.

Já anteriormente, Louis Josserand, depois de dizer que “El matrimonio es un contrato”, completou : “La exactitud de esta posición se há discutido : el matrimonio, se ha dicho, es algo distinto y más allá de un contrato, es una institución que no ha de rebajarse a la categoria de las relaciones jurídicas corrientes”.

O mesmo pensamento já era esboçado em PORTUGAL, por *Cunha Gonçalves*. Em dias de hoje, especialmente no direito pátrio, continua a divergência entre ser o casamento contrato ou instituição.

Há os que, vacilantes, vêem no casamento uma instituição, mas em forma de contrato; outros, que preferem a expressão — Contrato de Direito de Família. E, por fim, aqueles que, decididamente, entendem ser o casamento um contrato, como Clóvis Beviláqua, Pontes de Miranda e outros, sem nenhuma restrição, mostrando-se, assim, pelo menos, lógicos no seu ponto de vista, no aspecto científico.

Se examinarmos, em tese, as duas modalidades, — Contrato ou Instituição, porque não pode-

mos aceitar a terceira hipótese, — Contrato de Direito de Família — em que vemos absoluta impropriedade técnica, notamos, sem nenhuma dúvida, do ponto de vista científico, que a balança pende para a instituição.

E, não ficamos aqui no velho argumento de que carece o casamento de requisitos básicos do contrato e, de que, v.g., a indissolubilidade do vínculo é anti-contratual, já que há legislações que admitem a dissolução do vínculo.

Aderimos, vê-se, à doutrina da instituição, por outros fundamentos. E, o fazemos, mesmo sabendo dos entolhos com que havemos de nos deparar, em mar, por sua natureza, encapelado.

Assim, se renegamos a forma contratual do casamento, o fazemos por outras convicções.

Já Ulpiano dizia : “contractus est pactu duorum pluriunve in idem placitum consensus”.

No elemento subjetivo, como força criadora básica vemos o fundamento lógico-jurídico do contrato.

No contrato, a declaração de vontade tem por objetivo criar direitos e obrigações.

Ou melhor, os direitos decorrem, no contrato, do acordo de vontade, para o fim específico.

Na forma atual do casamento, as partes apenas aderem à ins-

tituição, que, obviamente, é criação da lei.

Esta adesão nada cria, nada gera.

O Estado, como fato gerador de direito, na concepção kelsiana, é que estatui os direitos e obrigações que decorrem do casamento.

As partes, ao contraírem o casamento, apenas se sujeitam aos direitos e obrigações que são, "ex lege", não em razão do acordo de vontade dos contraentes, como é da essência e da natureza do contrato.

O elemento primário, concretizado na vontade de aderir à instituição, não pode ser tido como contrato, porque nada cria.

Só quando a vontade tende ao fim específico e objetivo de criar direitos, existe contrato.

No nosso sistema jurídico, o casamento não só é uma instituição social criada pela lei ordinária, no caso o Código Civil, como recebe a proteção da própria Constituição, que o tem co-

mo estrutura básica da sociedade.

Os direitos e obrigações decorrentes do casamento, não provêm do acordo de vontade dos nubentes, como dos — "Efeitos Jurídicos do Casamento" — "Dos Direitos e Deveres do Marido e da Mulher", mas "de lege ferenda".

Daí, não podemos conceber o casamento, como contrato, no seu aspecto técnico-jurídico.

Falar-se em contrato de direito de família, não nos parece civil, mesmo porque, não seria contrato, na sua morfologia, e porque, contrato é criação de direito das Obrigações, e como outros institutos do direito, servem a outros ramos, mas guardam a sua morfologia própria.

Dizer-se contrato "sui generis", seria ainda mais detestável, porque nada definiria".

Contrato "sui generis", é contrato "extrictu sensu".

— Em conclusão, não podemos fugir à realidade, de que, casamento é, em evidência, Instituição.

A Verdade dos Mitos

Olinto Carlos da Fonseca

Minhas recordações desses anos de França não me trazem de volta apenas o fascínio mundano das capitais ou a trepidação das lides universitárias; os albergues nevados dos Vosges ou as noites consteladas de Espanha; os vales em flor do Peloponeso ou a canção azul das praias do Mar Egeu. Mais. Trazem-me as obras de Paul Diel (*), com as quais passei os longos invernos de Alsácia e hoje me orientam (ainda) nas transas da vida, como o fio de Ariadne, a Teseu, no Labirinto de Minos.

Criação admirável e paradoxal, em que ciência e poesia se unem, esses trabalhos impressionam pela originalidade de sua concepção, pela força e unidade das idéias.

E ainda : por essa aura indisfarçável de amor que lhe percorre as páginas; esse desejo de minorar o sofrimento da alma humana, revelando, na fabulação mítica, o fantasma que somos de nós mesmos e levando-nos, pela identificação de cada um, na trama dos mitos e no drama dos heróis e semideuses, à esperança do reencontro de nossa Verdade Essencial, único e possível caminho para a ordem e o equilíbrio interior : ordem que é essa alegria íntima, profunda e estável, só ela capaz de, na expressão de Camus, reconciliar o coração doloroso dos homens e as primaveras do mundo.

Se Deus é essa Verdade, — a obra de Paul Diel, justamente porque nos mostra o erro de cada um com relação ao sentido da vida, — traz o sinal do apóstolo e vem marcada com o sinal do amor.

Autor desconhecido no Brasil, busco transmitir as lições e o bem que me proporcionou o estudo de suas idéias, expressões ao longo de seiscentas páginas, que procuro vulgarizar em meus trabalhos e tento, nesse artigo, condensar na sua essência, apresentando ao final a análise de pelo menos um mito: o de Prometeu, o titã que desafiou a cólera de Zeus, para salvar a humanidade.

É vária a natureza dos mitos como seus critérios de interpretação: histórica, literária, sociológica, cosmológica etc.. A interpretação psicológica se aplica àqueles que representam a realidade do homem, a verdade e o erro da vida. Seus símbolos traduzem realidades psicológicas; suas divindades são imagens idealizadas da alma. Zeus (Júpiter) é a luz do espírito; Hefaiostos (Vulcano), o intelecto; Hades (Plutão) a lei do inconsciente; Hera (Juno), a fidelidade do amor; Atenéia (Minerva), a força espiritualizante; Apolo, a harmonia interior; Dionisos (Baco), a perversão e a embriaguez dos sentidos etc.

O mundo desses mitos, com suas contradições e incoerências, e o mundo do espírito e do coração, em que se escreve e se increve o drama de cada homem, feito de erros e verdades, derrotas e vitórias, tristezas e alegrias, de ideais, de desesperanças... E nisso transparece o sentido dos mitos, profundo como a vida. Porque o mito é um nada que é tudo, na expressão do poeta.

A vida é uma forma de movimento e tem um sentido essencial: a evolução. No domínio do espírito, esse sentido ou lei essencial consiste na evolução das capacidades fundamentais da psiquê consciente: pensamento, vontade e sentimentos, — e tem como objetivo a harmonização (pela espiritualização e sublimação) dos desejos.

A espiritualização nos leva à verdade metafísica; a sublimação, à verdade moral, que é o amor. E, pela evolução, alcançamos o ideal do pensamento, a clareza; da vontade, a força e a liberdade; dos sentimentos: a intensidade.

Desejos são forças da alma; expressões da força vital; tensões energéticas, controláveis, valorizáveis, que movem à ação (motivos). Valorizados, eles levam à unidade do ego consciente; não valorizados representam enfraquecimento, quebra da unidade interior, e motivam a angústia, expressão do sentimento de culpa, e as deformações psíquicas.

A psicoterapia é justamente a reconquista dessa harmonia interior, pelo reencontro da lei e do sentido da vida, através da espiritualização e sublimação dos desejos, — resultado de um trabalho intrapsíquico pelo qual eles se fortalecem à medida que se purificam e se iluminam, elevando-se da instância mais baixa da psiquê humana até a mais alta : o espírito.

São três essas instâncias ou graus de iluminação. A mais baixa é a imaginação, quase inconsciência, e por isso fonte de erros; nela se forma o germe do pensamento, que são imagens não conceptualizadas. Acima está o intelecto, instância lógica, em que aquelas imagens se transformam em conceitos e se forma o projeto ou teoria prática. E acima do intelecto, o espírito : instância analógica e intuitiva, que dá ao homem a visão orientadora, profunda e abrangente da verdade e da vida.

O erro essencial consiste na desarmonia e dispersão dos desejos, que não se orientam na direção do espírito, mas regridem para a imaginação, tornando-se forças negativas, contraditórias, falsas, afetivas, — que obscurecem o pensamento e enfraquecem a vontade e os sentimentos; trazendo ao subconsciente uma carga de angústia latente e de sentimento de culpabilidade; e tornando o homem um deformado (doente) psiquicamente, isto é, fora de lei essencial da evolução, fantasma de si próprio, cego para a luz do espírito, surdo e mudo para a verdade, — porque o seu mundo interior é uma noite sem termo de trevas, dor e silêncio.

Há dois tipos de deformação psíquica : a nervosidade, caracterizada pela supertensão, impotência e exaltação imaginativa dos desejos; e a banalização, caracterizada pela perda ou ausência do ideal essencial e da energia psíquica, e pela dispersão do ego no mundo exterior dos prazeres, posição, sexo, dinheiro, honrarias.

Ora, se o homem banalizado (que Cervantes retrata na figura do Quixote) procura compensar, com a matéria, seu vazio interior, — o nervoso (a figura de Sancho Pança) é esse ser contraditório e ambivalente, em que alternam o ódio e o amor, orgulho e humildade, euforia e depressão, generosidade e mesquinhez, timidez e arrogância; torturado no íntimo pela exaltação desvairada dos desejos e pela consciência da própria fraqueza, ele tenta eliminar sua angústia interior, comprimindo sua culpa no subconsciente (esfera mórbida do inconsciente).

Alternando, porém, com a angústia, no “crescendo” de um círculo vicioso, o recalque, — ferida instalada na alma, brasa que aflora ao consciente — aumenta cada vez mais seu sofrimento, até explodir nos sin-

tomas da nevrose (deformação dos sofrimentos) e da psicose, perda total da reflexão e da consciência.

De onde se originam, entretanto, os desejos? Dos impulsos elementares do organismo: nutrição, propagação e orientação; os dois primeiros conservativos; diretivo, o último.

Pois bem, o impulso de orientação, diretivo, evolutivo, é o que deve predominar na psiquê humana; porque transforma os desejos em motivos (forças positivas que movem); desdobra e enriquece os demais impulsos, transformando o de nutrição (que visa a conservação do **indivíduo**) em socialidade (que objetiva o interesse do **outro** na harmonia da convivência fraterna); transformando o de propagação (que tem como fim o prazer do **sexo**) em ideal diretivo de **amor**, que visa a educação da prole e tem como fundamento a virtude.

Ora, esse impulso evolutivo ou desejo essencial, ideal biológico e moral, sem explicação porque é o fundamento metafísico do ser, princípio e fim da existência, — conduz o homem ao espírito criador e superconsciente, aproximando-o cada vez mais do mistério da vida. E a pobre criatura humana, feita de lágrimas e argila, na ilusão de desvendá-lo, cria-lhe uma explicação imaginativa, personificando-o numa imagem antropomorfizada.

E surge então o mito, transformando esse ideal que dirige o homem num homem idealizador que dirige a vida: o homem-deus.

As divindades dos mitos são, assim, imagens simbólicas do mistério do ser, projeção antropomórfica dessa lei biológica e moral do espírito, dessa necessidade de orientação no sentido da vida. São essas divindades que se movem na trama psicológica dos mitos, como podemos ver pela análise do mito de Prometeu o titã que sonhou salvar o mundo, burlando a lei de Zeus.

Enquanto durou a idade de ouro ou reinado de Saturno, diz a narrativa, os homens conviviam com os deuses. Mas, com o advento de Zeus, estabeleceu-se a hierarquia. Mesmo nos sacrifícios, a melhor parte das vítimas era reservada aos deuses.

Ora, encarregado da distribuição da vítima num sacrifício, o titã Prometeu enganou a Zeus, destinando-lhe a pior parte para favorecer aos mortais. Indignado, Zeus priva os homens da luz. Prometeu, condoído da sorte humana, subiu ao Olimpo e furtou algumas centelhas do fogo de

Zeus, para iluminar o mundo e imortalizar o novo homem que ele havia formado do barro da terra. Então Zeus, para puni-lo e ainda uma vez a humanidade, ordenou a Hefaios to acorrentá-lo no Cáucaso, onde por trinta mil anos um abutre lhe espicaria o fígado, e modelar do barro Pandora, a mulher, adornada de todos ("pan") os ("dora") da graça e da sedução, que foi oferecida como esposa a Epimeteu, irmão de Prometeu.

Surdo às advertências do prisioneiro, o incauto Epimeteu sucumbiu ante a sedução de Pandora, a que trazia a mentira nos lábios e a infidelidade no coração e que lhe entregou o presente de Zeus : um escrínio. Desposada por Epimeteu, Pandora abre o escrínio misterioso, de onde escapam todos os males que afligem a humanidade, conseguindo a custo, por fechá-lo às pressas, reter a Esperança.

Para acabar de vez com a humanidade, Zeus manda sobre a terra o dilúvio. Prometeu, vigilante, adverte a Deucalião, seu filho, da destruição iminente, e aquele, construindo às pressas uma arca, nela se salva com sua mulher Pirra, filha de Epimeteu e Pandora.

Findo o dilúvio, a arca desceu sobre o monte Parnaso. Deucalião oferece um sacrifício a Zeus, que movido de piedade resolve salvar o gênero humano e manda que Héracles liberte Prometeu, matando o abutre com as flechas forjadas por Hefaios to. Prometeu é recebido no Olimpo e conquista a imortalidade.

.....

Vejamos a interpretação. Saturno e Zeus simbolizam os dois estágios da evolução biológica e moral do homem : o estágio da animalidade inconsciente e da intelectualização, com o predomínio (hierarquia) do espírito sobre as demais instâncias da psique humana. Se, na transposição mística, Zeus representa o espírito, Prometeu representa o intelecto. Etimologicamente quer dizer "teórico, providente" (pro : a priori; methès : pensamento).

Semideus, divindade inferior a Zeus, a revolta do titã é a revolta do intelecto contra o espírito. A trapaça na repartição da vítima representa a ilusória tentativa do homem de fugir à lei essencial da evolução. Por isso, Zeus priva a humanidade da luz : Prometeu representa o homem deformado psiquicamente, pelo predomínio do intelecto, de costas para o espírito, o pensamento obscurecido pela imaginação, acorrentado à matéria (rochedo) e prisioneiro de si mesmo.

Criando o homem do barro e raptando o fogo de Zeus para imortalizá-lo, Prometeu agrava seu erro e sua culpa. Barro é símbolo (negativo) de matéria e fogo roubado de Zeus é fogo destituído da sua força espiri-

tualizante. A criação do titã é vã, porque representa o erro essencial que invalida toda criação do homem, fora da legalidade da vida.

Para puni-lo, Zeus ordena a Hefaios que o acorrente no Cáucaso. Ora, Hefaios a serviço de Zeus é o intelecto a serviço do espírito. Donde, aprisionado por Hefaios, temos o intelecto aprisionado por si mesmo, sem a força de elevar-se ao nível do espírito; preso ao rochedo, Prometeu é a humanidade dominada pela materialidade da vida. O abutre que lhe espicaça o fígado por trinta mil anos, é o erro essencial que invalida a vida humana: fígado corroído é símbolo de culpa reprimida no subconsciente.

Ainda uma vez, sua punição alcança a humanidade. Hefaios forma do barro Pandora, que é oferecida a Epimeteu como esposa. Ora, Pandora, a mulher, simbolizando a imaginação, a sedução material; Epimeteu, etimologicamente "imprevidente" (epi: a posteriori; methès: pensamento), representando o intelecto obscurecido pela imaginação; e escrínio (caixa), o subconsciente, onde se recalam os desejos; — tudo aí são símbolos do erro essencial, do qual decorrem os males da humanidade.

O dilúvio seria sua destruição total, não fôra a intervenção de Deucalião, símbolo do intelecto em harmonia com o espírito, que aplaca a ira de Zeus pelo sacrifício da reconciliação. Como Deucalião, também Héracles representa o intelecto; com as flechas (armas do espírito) forjadas por Hefaios (ainda o intelecto), Héracles mata o abutre (elimina o erro), libertando Prometeu. É a libertação do homem pelo próprio homem, vencedor (pelo reconhecimento) do erro da vida consciente.

.....

O mesmo símbolo é apresentado pelo mito judeu-cristão das primeiras páginas do Gênesis. Adão representa o princípio (grau) de consciência, a que o impulso evolutivo levou a humanidade. Pelo sopro divino (a centelha de Zeus), o homem deixa o estágio de animalidade e atinge a consciência. Eva (Pandora) personifica a matéria. O ideal da vida se realizaria pela harmonia dos dois princípios (intelecto e matéria)

A essa harmonia, porém, se opõe o princípio do mal, a exaltação imaginativa, Lúcifer, símbolo do erro reprimido no subconsciente (inferno). Em forma de serpente (personificação do erro), ele seduz Adão, através de Eva (mulher: imaginação), acenando-lhe com os frutos (matéria) da macieira (árvore do conhecimento: símbolo da intelectualização).

Ora, o fruto proibido é a revolta contra o espírito. "Come e serás igual a Deus": aqui se encerram os dois tipos de deformação psíquica. "Come" é a exaltação para a matéria (banalização); "serás igual a Deus" é a exaltação para o espírito (nervosidade).

A expulsão do paraíso é a punição do erro essencial pela deformação dos impulsos : o pudor obriga o homem a cobrir sua nudez (impulso de propagação); surge o fratricídio (impulso de nutrição); e o homem se escraviza à terra : "cultivá-la-ás com suor do teu rosto (impulso de orientação) e ela te dará em troca espinhos".

O erro de Adão, como o de Prometeu, é o erro de cada um, porque é o pecado original da natureza humana. Seu mito é a história essencial do gênero humano, o caminho que leva o homem da inconsciência animal, através da consciência (intelectualização), até a vida superconsciente do espírito (a imortalidade, o Olimpo).

Prometeu, tal como Adão, é o símbolo do homem decaído, voltado para o ideal falaz da matéria, mas redimido pela reconciliação com o Espírito, divinizado e imortalizado pelo reencontro da Verdade Essencial, que é a verdade de si mesmo.

(*) -- La Psychologie de la Motivation (PUF) e Le Symbolisme dans la Mythologie Grecque (Payot) --
entre outras : La Divinité, La Peur et l'Angoisse.

Presença de Sete Lagoas

Abílio Gomes

Por todos os motivos justifica-se a existência da Fundação Educacional "Monsenhor Messias" em seu todo e em suas partes. Comunidade unida e persistente, alegre e expansiva, a Fundação é uma constante no panorama social e cultural de Sete Lagoas. Nossa representatividade é numérica e qualitativa.

Onde antes era o vazio, está hoje a nossa Fundação; onde existia o silêncio, estão nossos alunos e nossos professores, lutando pelo aprimoramento cultural e pelo intercâmbio da amizade e da confraternização.

Abrimos para centenas de brasileiros a oportunidade de estudarem à noite, melhorando seu nível intelectual e encontrando calor humano dentro de uma vibrante comunidade universitária.

Oferecemos a centenas de pessoas de nível secundário da cidade e de toda essa extensa região de nossa influência cultural, onde Sete Lagoas se insere como cidade pólo, e em cuja área existem em funcionamento cinquenta educandários de 1.º e 2.º graus, condições de realizarem o seu curso universitário, ampliando conhecimentos e se qualificando para o desempenho de uma profissão realmente honrosa.

Para este Brasil que se agiganta, a interiorização do ensino superior é uma necessidade incontestável. Explode o interesse da juventude e mesmo de pessoas já amadurecidas, em justificados anseios, visando a conquista de novas etapas nos campos do saber. A maioria não tem condições de ir aos grandes centros, onde se situam as universidades, as quais, por sua vez, vivem o drama insuperável da deficiência do número de vagas.

Daí o papel preponderante que está reservado às faculdades do interior, nascidas do idealismo sadio de seus instituidores, frutos de um ingente esforço, em

que o sacrifício e o espírito abnegado estiveram presentes em todas as horas, vindas modestas e com as deficiências iniciais, resultantes das exigências e natural complexidade de sua implantação, mas que acabarão por fixar as bases dos grandes centros de ensino do futuro, em que, inevitavelmente se transformarão, fortalecendo, e dando novas e pujantes dimensões de ordem artístico-técnico-cultural ao próprio coração de nossa Pátria, num melhor preparo de seus filhos que haverão de bem servi-la e melhor engrandecê-la.

Por todas essas razões, a singular presença de nossos cursos

no cenário da intelectualidade pátria e, principalmente, de Sete Lagoas e da região, justifica e consagra plenamente sua criação. Porque trabalhamos sério, estamos convencidos da oportunidade de nossa existência. No contexto de Sete Lagoas, a Fundação Educacional "Monsenhor Messias" se afirma, sendo elemento propulsor de progresso, de civilização, de humanismo e de cultura.

(Trecho do memorial do presidente Abílio Gomes, que acompanhou o processo de reconhecimento da Faculdade de Direito)

“Direito 7” em tempo de Comunicação

Mauro Andrade Rosa

Vivemos num século excitado, vibrante, de inovações e inovações, de surpresas gratas e impactos desagradáveis, numa sucessão de novos e fulminantes acontecimentos, dificultando-nos a separação do moderno e do velho, tal a rapidez com que o novo envelhece. Atônitos, assistimos um desencadear de transformações em todas as esferas das atividades humanas.

As invenções e descobertas consagradas em determinados momentos caem, ridicularizadas, segundos após, substituídas por outras já mais adiantadas, tornando-se ultrapassadas e obsoletas. As evoluções, que antigamente eram lentas, demoradas e amadurecidas pelo tempo, hoje, efetuam-se de maneira brutal, sem o envelhecimento cronológico necessário, num amadurecimento eivado de requintado artificialismo

Assim, os choques de gerações, em outras épocas contornáveis, adquirem proporções alarmantes, as ideologias radicalizam-se e os homens, cada vez mais preocupados em atender suas necessidades primeiras e individualistas, materializam-se, engrossando, dia a dia, as fileiras do exército de adeptos da filosofia utilitarista, não do utilitarismo aberto e social, mas, sim, do utilitarismo fechado sobre si mesmo, personalista e egoísta. É a sociedade de consumo, do imediato, do efêmero e do pessoal. A consciência grupal, comunitária, pouco a pouco, esvai-se.

Para os países que, no século passado, forjaram a revolução industrial e deram impulso à era da tecnocracia, a adaptação ao novo mundo que surgia procedeu-se de modo suave, às vezes, quase que imperceptível. No entanto, o mesmo não ocorreu com os demais países, pois, não tendo participado da elaboração do novo estilo de vida, ficaram despreparado para enfrentar as conseqüências imprevisíveis das mudanças ca-

da vez mais acentuadas, neste final do século XX. Contaminados pela nova era, os povos em vias de desenvolvimento mantêm, paralelamente, uma estrutura arcaica, tanto econômica como social, e um moderno e sofisticado mundo cibernético.

No Brasil, de modo particular, os computadores e os arados manuais formam peças de um mesmo ambiente. Sob o mesmo teto acomodam-se os leitores de McLuhan, de Aldous Huxley e de Herman Khan e os adeptos das seitas originárias das tribos africanas, cheias de misticismo e credices, numa simbiose absurda, onde o paradoxal já é lugar comum.

O advento da televisão foi o ponto culminante nesta corrida para o desconhecido e louco mundo. Os puritanos lares, de arraigados tradicionalismos e contrários às renovações no campo da moral, onde o conservadorismo é dogma, foram assaltados pelas imagens multicoloridas e despidas de belas mulheres que, num ritmo frenético, fazem coros às guitarras estridentes e barulhentas. Enquanto na sala os filhos devoram com os olhos sequiosos as figuras trepidantes vindas do Rio, São Paulo, Paris ou assistem, da poltrona, a descida de homens na Lua, os velhos, recolhidos na intimidade do quarto, com ares de reprovação, folheiam o Novo Testamento e em João, no Apocalipse, procuram constatar a hora da chegada dos tempos, do acerto final.

Sem dúvida, é na comunicação que vamos encontrar as mais modernas técnicas desenvolvidas pelo homem. O que era utopia há um século passou a ser realidade nesta década. Do telefone de G. Bell à televisão a cores, do 14 Bis de Santos Dumont aos satélites artificiais, das românticas carruagens aos possantes Rolls Royces, da imprensa de Gutemberg aos teletipos e telex, poucos anos são passados. A comunicação, outrora presa ao chão e aos mares, desvencilhou-se dos grilhões e das âncoras, lançando-se aos ares, perdendo-se no espaço sideral.

A palavra de ordem, portanto, é comunicar. Mas, que o veículo de comunicação não se transforme em simples instrumento de interesse imediato e transitório. Urge usá-lo como ponto de união entre os homens, humanizando-os, retirando-os da condição vil de máquinas a serviço das máquinas, de escravos da tecnologia.

Dos meios de comunicação, o jornal, falado, escrito ou televisado, carrega nos ombros a responsabilidade de servir como veículo de aproximação do rebanho disperso. A sua missão de informar cresce-se a árdua tarefa de pólo catalisador dos sadios interesses humanos, tornando-os duradouros. Desvirtua-se o jornal de sua obrigação precípua quando colocado a disposição do imediatismo comercial materializante, das ideologias espúrias e separatistas que jogam irmãos contra irmãos e pais contra filhos, da fomentação de guerras quando o mundo carece de paz.

Lamentavelmente, algumas empresas jornalísticas, preocupadas com a tiragem, fazem do sensacionalismo barato, das "manchetes" sangrentas as armas de aumento da receita financeira.

É o jornal, quando bem orientado, de importância capital como veículo de cultura, principalmente no círculo universitário, onde as novas idéias e realizações pululam e afloram-se a cada momento, necessitando de um órgão sensível capaz de captá-las e transmiti-las, fielmente. O dinamismo do estudante, sua ânsia de saber, os arroubos próprios da juventude, encontram no jornal universitário o caminho seguro e natural para as divulgações de suas conquistas, de suas lutas e reivindicações justas. É o jornal amador, que não visa lucro, cujo único objetivo consiste em ser útil aos estudantes, congregando-os em torno de um mesmo fim.

Este foi o propósito do jornal "DIREITO 7", órgão de informação dos estudantes da Faculdade de Direito de Sete Lagoas, fundado no mês de maio de 1973. Fruto de idealismo, lutou contra as adversidades inerentes às promoções do gênero. Ainda que em forma embrionária, veio para ficar. E, aos poucos, a pequenina semente lançada na dura terra começa a germinar. Passam-se os fundadores e colaboradores, mas o "DIREITO 7", de raízes profundas, permanece. Sua finalidade, paulatinamente, vai sendo atingida, que é a integração de todos, ou sejam, alunos, professores e diretoria, dentro da linha filosófica da humanização do homem. Nesta barca gigantesca que é o nosso universo estudantil, uma bandeira tremula no alto do mastro e, qual fogo de Santelmo, simboliza um raio de luz e conquista na imensa vastidão do oceano acadêmico : é o "DIREITO 7".

A Trova - De Provença à Sete Lagoas

Francisco Timóteo

*Creditem-se às gerações a preocupação, quase inconsciente,
de legarem uma soma de cultura capaz de
impressionar aos seus sucessores. E, não há negar, que a
expressão maior, de cunho cultural, tem sido a
poesia. Meio de expressão e de comunicação.
Meio versátil de se registrar os feitos e os propósitos, a
conduta, enfim, da humanidade.*

No vasto campo da língua portuguesa (linda flor do Latio — no dizer de Bilac), um crédito de louvor há de ser dado à cultura trovadoresca.

Quando todos os gêneros e estilos, formas e estruturas poéticas são levados a reformulações e mutações as mais várias, a TROVA, juntamente com o soneto, vence o tempo e atravessa os séculos, mantendo-se incólume na sua estrutura essencial e até se expande, multiplicando-se os seus adeptos.

Não ocorre exagero quando afirmamos que a trova lastreou nos séculos e venceu no tempo, pois sua aparição remonta aos idos do surgimento da Escola Provençal, na exuberância do lirismo gálico-português, no século XI, de onde os *cancioneiros*

são repositórios das poesias dos trovadores.

A trova tem, pois, sua origem no seio do sentimento da nobreza, dos reis e fidalgos.

O trovador era ao mesmo tempo autor e músico, já que a apresentação da trova exigia a “cantiga” como ornato, não só ao vocábulo mas também, e principalmente, à temática.

A poesia trovadoresca vinha alicerçada sob a dupla influência de culturas neo-latinas: a PROVENÇAL e a ESPANHOLA, que foram arrimo e nome às duas escolas medievais assim denominadas.

O poeta-cantor, dos tempos medievais, incluía invariavelmente nas composições de suas

cantigas, o REFRÃO : uma redondilha maior estrofeada em quartetos rimados.

E, segundo o registro que nos chega através de "Os Cancioneiros" — a seleta portuguesa de fito antológico, essas cantigas eram destinadas a falar de AMOR, de AMIGO (namoro) e de escárnio.

Segundo o professor Delson Gonçalves Ferreira, a expressão TROVADOR origina-se do provençal = Trobar; derivado do francês = Trouver, que significa descobrir, criar, inventar. E, ainda nos afirma o mesmo autor : "trovadorismo representa não apenas um tempo, mas um culto, uma religião, em que a vassalagem amorosa era regida pelo desejo de conquista à suserana".

Não era uma conquista rápida, mas obstacularizada. Eis que o amor era a religião do trovador, e a mulher a divindade.

Por seu turno o JOGRAL era aquele que, não dispondo de talento bastante para criar as próprias composições, cantava as dos trovadores. E, por fim, o MENESTREL era o que vinha no último destaque da escala, pois era convidado a suceder os jograis decadentes.

Enquanto o trovador vivia no amor e no ideal à arte, os dois últimos visavam remuneração para se apresentarem.

Convergem para o nome de DOM DINIZ, filho de Afonso III, quinto rei de Portugal, as opiniões não documentadas de que teria sido ele quem consolidou o movimento trovadoresco em terra lusitana, assim como a autoria de "Os Cancioneiros".

DA TROVA AOS JOGOS FLORAIS

Agora quem nos fala sobre este tema deveras palpitante é o grande e incansável pesquisador da trova, ENO TEODORO WANKKE, para nos proporcionar conhecimento de como, por que e quando surgiram os JOGOS FLORAIS.

Quando em Castela os cavaleiros disputavam o amor das donzelas, entre lutas horrendas, com lanças e armaduras, eis que os trovadores sugeriram a substituição de tal prática, pelos duelos de natureza poética.

Assim, essas disputas inspiraram aos poetas provençais a institucionalização dos torneios de primavera, com a denominação de JOGOS FLORAIS, onde os prêmios aos vencedores eram jóias com formatos de flores : violetas e margaridas.

De tal sorte menestrelis e trovadores dominam a península ibérica, em matéria de poesia lírica, do século XI ao XVI, que vamos ter Gil Vicente dando tal mostra no teatro, pondo em relevo a trova popular.

Difícil seria nomear aqui todos aqueles poetas lusos e espanhóis que fizeram da trova sua arte de cantar o amor à amada, a estima pelo amigo ou o escárnio ao inimigo.

UM BRASIL TROVADOR

Dos primeiros a cantar em versos os seus sentimentos, em terras coloniais da América portuguesa, incluem-se Gregório de Matos, Tomás Gonzaga, Oliveira Serpa, Joaquim José da Silva.

Não há negar tenha havido uma lacuna de tempo, ou um silêncio do trovismo brasileiro, do século XVII ao princípio do XIX, quando veio a despertar, com notoriedade, o interesse de toda uma gama de literatos brasileiros.

Tornou-se a mais popular de todas as formas de literatura já conhecidas, desde que se observe a sua inclusão no folclore e nos meios de repentistas pátrios.

O movimento trovadoresco no Brasil, tão estupenda a sua expansão, congrega, atualmente, alguns milhares de nomes filiados a uma única agremiação: A UNIÃO BRASILEIRA DE TROVADORES (U.B.T.). Entidade de âmbito nacional, criada a 21 de agosto de 1966, numa sadia rivalidade como o Grêmio Brasileiro de Trovadores — então liderado por poetas baianos —, a U.B.T. está hoje representada em todos os Estados

da Federação, nas capitais e em cidades interioranas de vida literária mais intensa.

Sua sede localiza-se na Guanabara, enquanto a cidade fluminense de Nova Friburgo já é cognominada A CAPITAL DA TROVA, onde a realização anual dos Jogos Florais faz convergir as atenções e as presenças mais marcantes, dos aficionados e admiradores da poesia curta — o “hay kay” dos brasileiros.

Nomes que perfilham entre os responsáveis e líderes desse movimento grandemente vitorioso: Luiz Otávio (presidente nacional), Carlos Guimarães Jr., Eno Teodoro Wanke, Carolina Ramos, Wilson Montemor, Jacy Pacheco, Rubens de Castro, José Valeriano Rodrigues, Jorge Beltrão (presidente estadual — MG), Elton Carvalho, Cleonice Rainho, Milton Nunes Loureiro (presidente Niterói), Aparício Fernandes, Judith Coelho Maciel (presidente — Sete Lagoas).

A TROVA NA TERRA DOS LAGOS

Precisamente a 12 de outubro de 1968, corporificava o movimento que haveria de prestar culto à trova, entre poetas sete-lagoanos.

Era mais uma unidade, um posto avançado da poesia sucinta, que nascia para o entrelaçamento de idéias, na porfia da imaginação e da criatividade

veiculada entre concorrentes dos vários certames literários, que se realizam em terra pátria.

Ressalte-se que os concursos promovidos pela seção local acontecem à média de um por ano, com livros já editados enfeitando as seletas — trovas classificadas.

Via disto, nos vários setores educacionais, nas empresas e nas áreas de atividades as mais diversas, há sempre um criador de versos setessilábicos, rimando Labor com Amor, vencendo a luta contra a materialidade quase fria que invade o homem urbano em nossos dias.

Ternura, tédio, tormento,
tudo é transe, é tentador;
tange o tema com talento,
tece a trova o trovador.

Concorrendo em trovas, os homens estreitam-se na amizade, irmanam-se espiritualmente e elevam, no conceito de outros povos, o nome da própria comunidade em que vivem.

Dos sentimentos dispersos,
dos poetas, quantas rimas
transformando simples versos
em perfeitas obras-primas.

Neste ano, eis que a Fundação Educacional "Monsenhor Mesias", mantenedora das faculdades, oferece valioso patrocínio para um extraordinário certame literário, em que se inclui a TROVA — dos nobres e repentistas.

E, assim, vemos que é ainda mais nobre, quando popularizada, a poesia dos reis.

Canção do Berço Natal

Mariza da Conceição Pereira

"Minha terra tem palmeiras..."

**Sabiá, não, mas lindas palmeidas na poesia de um lago, isto
sim, a minha terra tem. E seresteiros que
cantam o lago e as palmeiras, a história
da gente e a gente da terra...**

**Minha terra tem cristal — o melhor do mundo — e o
empresta ao estrangeiro por um mundo melhor...**

**Minha terra tem rosa vermelha no emblema do trabalho,
e vermelho de rosa no sangue do trabalhador...**

É "Sorriso do Sertão" a minha terra, e é "Princesa do Centro-Norte", e é o Norte para muita gente, porque é centro de paz...

Tem passado encantado de A-B-C e de versos, de acordes e de saudosismo, dormindo o presente, sonhando lagos, acordando em luzes: Mariana Pena, Cândido Azeredo, Vó-Fina, Inhazinha e Marciano Tão, Tão Júnior, Dr. Avellar, Teixeira da Costa, Edith Furst, Monsenhor Messias, Maurilo Peixoto, Camargos, Maria Amâncio, Herculanô França, Fernandino Júnior, Zequita, René Guimarães, Agripa Vasconcelos, Jovelino Lanza...

Tem passado caminhando ainda, curvadinho, barbas de neve, cabelos de algodão, mãos trêmulas, muita letra no papel, muito papel nas estantes, muita vida repartida: Nhô Quim Drummond, Dr. Hugo, e Dona Odila Silva, Dr. Afonso Vianna...

Minha terra tem "hoje" pintando de luz, luzindo progresso, abençoada pela cruz da Serra — passado que não passa...

No agora de minha terra, a mocidade não precisa mais emigrar, não é condenada ao exílio para estudar e crescer: tem carta de bacharel por aqui mesmo, que a Faculdade de Direito mora aqui... A gente pode sonhar Filosofia, entender Ciências combinar Letras e despertar realizada em "mestre" (Duas centenas assim já despertaram!)...

"Minha terra tem palmeiras..." E tem sabiás ! Só que não cantam suspiros, nem gorjeiam glórias... Mas tiveram suspiros e têm glórias a cantar !

Chegaram do sertão e da metrópole, sabiás de peito e de raça. Congregados pelo Rotary Club, "deram de si, sem pensar em si"... Plantaram Faculdades à sombra das palmeiras, que Faculdade é raiz e cidade árvore. Esta cresce, aquela fixa. Fixa a gente na terra da gente.

E os sabiás "sem nome", num trabalho arrojado, feito de mil vãos e nenhum trinado, deixaram na floresta maior da capital federal pastas cor-de-rosa (quantas !...), cheinhas de papel e de letras... Para quê ? Para que tenham real valor os anéis e diplomas dos jovens de minha terra (lá, na linguagem dos "donos do assunto", isto se chama : RECONHECIMENTO DE FACULDADES)...

Minha terra... Ah ! A minha terra ! Com um ontem assim grandioso, com um agora tão marcante, fico pensativa e orgulhosa, mas tenho receio de que ela se torne capital...

Geratriz de Cultura e de Progresso

Geraldo Miguel de Pinho

*No acendrado e nobre ideal de uma juventude consciente,
Na bravura indômita de abnegados pioneiros,
Na firmeza lúcida de mestres
dedicados e de cidadãos clarividentes,
Surge a Fundação Educacional "Monsenhor Messias",
estrutura basilar do ensino superior na terra dos lagos
encantados. Os ínvios caminhos palmilhados, desde a sua
criação, são bem a jornada para uma nova Canaã.*

*Os acontecimentos que lhe marcam a história, referta de
sacrifícios, trabalho e amor, ajustam-se plenamente à
sobrenatural verdade de que "para tudo há um tempo, para
cada coisa há um momento debaixo dos céus". (Ecl. 3)*

Como nasceu a Fundação

Um pugilo de bravos resolve aceitar um desafio.

Ao arroubo e aos anseios da juventude, cujos sentimentos bem se personificaram, e vividos foram, na fé e na esperança de um *Márcio Vicente da Silveira Santos* e de um *Francisco Timóteo Pereira*, prestos, *acudiram*, trazendo a ávida resposta.

Se *Márcio Vicente*, nas lides do Clube de Letras de Sete Lagoas, que presidia, agitara as idéias, lançando, em abril de 1965, a fértil semente, ao dirigir ao en-

tão governador Magalhães Pinto um apelo no sentido de que fosse criada, nesta cidade, uma *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras*.

E, se *Francisco Timóteo*, em acolhedora reunião do *Rotary Club de Sete Lagoas*, em junho de 1966, em nome do Clube de Letras, verberara a tardeza de concretas e salutareis providências, para que se efetivasse e assegurasse a existência do ensino superior na terra dos lagos.

Um clarividente, *Abílio Gomes*, na memorável noite de 6 de junho de 1966, quando assumia o

cargo de Secretário e Wilson Tofani o de presidente do Rotary, mostrando-se sensível às ponderações de Timóteo, repassadas do sentido elevado de servir ao bem comum, teve a felicidade de antever o grandioso futuro, concedendo-o nas sagradas origens do devotamento ao estudo e do culto do saber.

Irmanados e inspirados pelo nobre ideal rotário, todos, sem veleidade, resolvem encetar a árdua jornada, para erigir o marco fundamental da cultura de um povo : o amparo e, posteriormente, a definitiva implantação do ensino superior em Sete Lagoas.

Eis que, mercê de Deus, o momento da *Fundação Educacional* havia chegado.

Em 11 de outubro de 1966, o Conselho Diretor do Rotary Club de Sete Lagoas, contando com a ilustre presença do Dr. *Clóvis Salgado Gama*, especialmente convidado, pela vez primeira se reuniu para lançar as bases de uma fundação filantrópica, destinada a proporcionar bolsas de estudo para o ensino superior.

Constatou-se, neste fato, a existência de um dignificante gesto de solidariedade humana e de uma exaltada vocação de pioneiros.

A novel Fundação, foi atribuído por patrono, na mesma reunião de 11 de outubro, o nome do emérito educador e santo sacerdote, **MONSENHOR MESSIAS**

DE SENA BATISTA, de venerável memória dos setelagoanos, como a sublimar mais ainda os ideais da entidade, abençoando-a, e, seguramente, apontando-lhe, qual sempre fizera este apóstolo do bem e do ensino, a altruística missão de servir à região e ao País.

Dezesseis dias após a primeira reunião, em 27 de outubro de 1966, com as honrosas presenças do Dr. *Clóvis Salgado Gama*, membro do Conselho Federal de Educação, e da Dra. *Ester de Figueiredo Ferraz*, Diretora do Ensino Superior, realizou-se a Assembléia Geral dos sócios instituidores da *Fundação Educacional "Monsenhor Messias"*.

Assinaram presença, no significativo evento, os seguintes membros fundadores :

Prof. Clóvis Salgado Gama, dr. Antônio Pereira de Souza, Dr. João Batista Gama Cerqueira, residentes em Belo Horizonte; *Dom Daniel Tavares Baêta Neves, Abílio Gomes, Alfredo Mattar, Antônio de Oliveira Silva, Avelar Pereira de Alencar, Dr. Carlos Afonso Viana, Emílio Vinheiro Delgado, Euro de Andrade, Everaldo José Alves, Fausto Ribas Dornas, Fernando Alves, Geraldo Tolentino, Dr. Hélio Diniz Peixoto, João Bosco Vieira Pascoal, José Campolina de Souza, José Marçal Filho, Dr. José da Silva Marques, Marcelo Vasconcelos de Oliveira, Moacir José Coelho, Meireles Vicente de Ave-*

lar, Milton Antônio Chaves, Olegário Dias da Silva, Pedro de Oliveira, Roberto Mauro Fonseca, Rubens Maciel Lanza, dr. Washington de Lima Bruzzi, Wilson Tofani e Johanes Maria Welling, estes residentes em Sete Lagoas.

A pujança do crescimento

Assinalada pela tenacidade dos seus instituidores, que arrostaram as dificuldades primeiras, aconchegada pelo carinho de todos, como se cultivassem a preciosa semente para multiplicá-la em opimos frutos para os filhos e para os pósteros, a *Educação Educacional "Monsenhor Messias"* revelou-se de imediato, uma das mais promissoras e perenes realidades da terra e da região.

O esforço inicial agigantou-se. Adquiriu novo alento com a participação de outros mais que, decididos, juntaram-se, solidariamente, aos fundadores, para prosseguirem na profícua caminhada, perquerindo a consecução de ideal cada vez mais alevantado.

Tanto os de agora quanto os primeiros se igualam em méritos e somam vitórias, fazendo verdadeira e generosamente vivido o ideal sublime de "*dar de si, antes de pensar em si*".

Como nascera, a Fundação cresceu com amor, superando as próprias lindes de seus objetivos.

Eis porque, mal cinco meses eram passados de sua constitui-

ção em escritura pública, em 27 de outubro de 1966,urgia uma reforma de fundamental importância, propícia não só a amparar mas, sobretudo, a instalar o almejado ensino superior em Sete Lagoas.

A Fundação se expandia. Cada vez mais adquiria maior e diversificado vigor. Outras e veementes necessidades, porém, reclamavam-lhe a benfazeja atuação, para atender aos anseios e destinos das novas gerações.

Seus fundadores e dirigentes não mediram sacrifícios nem se furtaram a novo chamamento.

Deste modo, em 28 de março de 1967, lavrava-se a escritura de reforma dos estatutos primitivos, para que se ensejassem as condições requeridas à criação e instalação de escolas ou faculdades, em nível superior, a serem mantidas pela benemérita Fundação.

TRABALHO QUE CONSTRÓI

Como a árvore que viceja, trazendo vida ao ar que purifica, dando ao viajor os frutos com que saciar-se à sua sombra, a *Fundação Educacional "Monsenhor Messias"*, ao lema "*DO UT DES*", prossegue, triunfante, empenhada sempre em realizar a plenitude de sua vocação e de seu ideal.

Pelo seu trabalho de amparo à ciência e ao saber, realiza-se a profética verdade que o eminen-

te professor, *Dr. Alberto Deodato*, se dignou proferir a respeito da Fundação, à qual, aliás, vem prestando, com o raro brilho da sua inteligência, o melhor de seu prestigioso apoio :

"A cidade (Sete Lagoas) não ficará apenas na abundância da sua produção industrial, comercial e agrícola, na extração dos mármorees que vieram dar beleza às grandes metrópoles brasileiras, mas, também, espalhará pelo Brasil as gerações que se preparam nas suas Escolas Superiores".

Aqui, o testemunho digno e respeitado, sobre um trabalho sério e edificante.

Hoje, a *Fundação Educacional "Monsenhor Messias"*, com pouco mais de sete anos de existência, já é uma realidade pujante, a refletir a alma setelagoana nos rincões da Pátria, na luta em prol do que de mais sublime possa existir para a humanidade : o culto do saber, das ciências e das artes.

Elevou-se, deixando de ser somente o trabalho de um pugilo de bravos, para transformar-se na atividade hercúlea de uma comunidade a serviço do ensino.

Mais do que nunca, todos estão conscientes de que *"a Educação jamais é tarefa de um só indivíduo e muito menos de uma única sociedade"*, o que compele a todos a trabalharem sempre com

devotado amor, para servir sempre.

ATIVIDADES INICIAIS

A primeira unidade de ensino superior a ser criada foi a Faculdade de Educação de Sete Lagoas, em 9 de maio de 1967.

Na mesma data, foi indicado para o cargo de diretor desta faculdade o *Dr. Wilson Veado*, MM. Juiz de Direito da 2.^a Vara da comarca de Sete Lagoas, atribuindo-se-lhe, ainda, a ingente tarefa de tomar todas as iniciativas para a instalação da novel entidade, inclusive elaboração de seu regimento.

O *Dr. Wilson Veado*, sempre acompanhado do presidente da Fundação, desdobrou-se em trabalhos e cuidados.

Em 7 de outubro de 1967, apresentava o Regimento Interno da *Escola de Música "Lia Salgado"*.

No ano seguinte, em 23 de agosto de 1968, durante a reunião do Conselho Diretor, fazia a auspiciosa comunicação de que havia atingido o ponto final da organização das duas primeiras faculdades.

A propósito, ressaltou haver contado com a relevante colaboração do professor *Paulo Neves de Carvalho*, na estruturação da *Faculdade de Direito*.

Disse, ainda, não ter sido menor o valioso apoio de eminentes

professores da Faculdade de Filosofia da U.F.M.G., bem como do professor *Juarez Távora Veado*, na organização estrutural da Faculdade de Educação, mais tarde transformada em *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sete Lagoas*.

Graças, também, ao trabalho do *Dr. Wilson Veado*, foram aprovados pelo Conselho Federal de Educação o primeiro Regimento Unitário e os regimentos específicos de ambas as faculdades.

A PRIMEIRA ESCOLA

A *Escola de Música "Lia Salgado"* foi a primeira unidade de ensino da Fundação a entrar em funcionamento, criada para o enlevo da alma e da cultura sete-lagoanas.

Inaugurada na inesquecível noite de 27 de julho de 1967, sua existência, em muito, deveu-se à compreensão, estímulo e idealismo do professor *Fernando Coelho*, eminente mestre da música e então Reitor da Universidade Mineira de Arte.

A inspiração para o nome desta escola, em justa homenagem, teve origem no virtuosismo da consagrada arte da *Sra. Lia Portocarrero Salgado*, esposa do *Dr. Clóvis Salgado*.

Na noite inaugural, a *Sra. Lia Salgado*, a exemplo dos aplaudidos recitais que apresentou na

Europa e nos Estados Unidos, fez-se ouvir em primorosa apresentação.

Aludida unidade de ensino está implantada bem no centro de Sete Lagoas, de onde esparze os ensinamentos ministrados nos seus cursos de Teoria Musical e Solfejo, Harmonia, Piano, Violão Clássico e Balé, em aprimoradas lições da divina arte.

Funciona em prédio próprio da Fundação Educacional, à rua Monselhor Messias n.º 339, cujo prédio, aliás, constitui valioso patrimônio doado pela Prefeitura Municipal de Sete Lagoas, na gestão do *Dr. Afrânio de Avelar Marques Ferreira* e graças a preclara compreensão dos nobres edis da Câmara Municipal.

A FACULDADE DE FILOSOFIA

O Decreto Federal n.º 65.942, publicado no Diário Oficial da União de 26-12-1969, autorizou o funcionamento da *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras*.

Foi criada em Assembléia Geral da Fundação realizada em 9 de maio de 1967.

Nascia com o título da Faculdade de Educação, tendo por objetivo, à época, a formação de professores para o 1.º ciclo do ensino médio.

Todavia, soberba metamorfose haveria de realizar-se. Por determinação do colendo Conselho

Federal de Educação, a fim de atender a novas peculiaridades do Ensino Superior, a então primitiva Faculdade de Educação passou a denominar-se *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sete Lagoas*.

Iniciando suas atividades letivas no primeiro semestre de 1970, esta Faculdade já teve o gáudio de realizar a colação de grau de sua primeira turma, em 5 de janeiro de 1973.

Idêntica efeméride ocorreu com a segunda turma de formandos, em 4 de janeiro de 1974, estando programada para breve a colação de grau de mais uma turma.

Atualmente, conta a *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras* com um total de 386 alunos, matriculados nos cursos de Pedagogia, Letras, Estudos Sociais e Ciências Físicas e Biológicas, que são ministrados nesta unidade de ensino.

Os efeitos benéficos desta faculdade já podem ser auspiciosamente aquilatados através do melhor nível de ensino nas escolas secundárias de Sete Lagoas, onde a presença de uma Faculdade de Filosofia modificou completamente os hábitos tradicionais de ensino, proporcionando um melhor preparo dos alunos do primeiro e segundo graus.

FACULDADE DE DIREITO

Quatro meses após autorizada a primeira unidade de ensino

superior, a Fundação regozijou-se com a publicação do Decreto n.º 66.480, no Diário Oficial da União de 24-4-1970, que autorizou o funcionamento da *Faculdade de Direito de Sete Lagoas*.

Deste modo, tomava corpo, pelo referido dispositivo legal, a deliberação da diretoria da *Fundação Educacional "Monsenhor Messias"*, que, em 4 de novembro de 1967, houvera decidido criar aludida faculdade.

Surgida, também, graças ao desvelo e a bravura de ilustre setelagoano, o *Dr. Renato Mário de Avelar Azeredo*, que se propusera trabalhar com afinco em prol da instalação desta unidade de ensino, a recém-criada *Faculdade de Direito* recebia dele entusiástico e benéfico apoio. E também do deputado *Wilson Tanure* que participou das primeiras iniciativas e continua prestigiando-a com entusiasmo.

Por sua vez, os anais da Fundação Educacional registram carinhosa homenagem ao *Dr. João Antônio de Avelar*, de exaltadas virtudes cívicas e morais, evocando-lhe o nome para servir de exemplo e inspiração aos ideais da Faculdade de Direito, onde perenemente se há de lhe reverenciar a saudosa memória, no culto das leis e da justiça.

As primeiras aulas desta faculdade tiveram início a 3 de agosto de 1970, estando a colação de grau da primeira turma de

bacharelandos programada para julho de 1974.

Acham-se matriculados, nas doze classes da Faculdade de Direito, 496 alunos, contando-se entre eles vários que residem nas progressistas cidades da região, inclusive na capital do Estado.

Ressalte-se que os alunos dessa faculdade, em consonância com o respectivo convênio celebrado com a *Ordem dos Advogados do Brasil — Seção de Minas Gerais*, vêm realizando, sob a segura ministração do emérito professor e também Conselheiro da O.A.B., Dr. *Abrahão Bentes*, o *Curso de Orientação de Estágio Profissional*, na forma do Provimento n.º 33, do douto Conselho Federal da O.A.B., inclusive efetivando visitas aos egrégios tribunais do Estado e aos mais altos pretórios do País.

Recentemente, foram visitados, em Brasília, DF, pelos alunos do quarto ano desta faculdade, que ali foram em aula de estágio, o *Tribunal de Justiça do Distrito Federal*, o *Tribunal Federal de Recursos*, o *Tribunal Superior do Trabalho*, o *Tribunal Superior Eleitoral* e o *Supremo Tribunal Federal*.

Ademais, tal é o interesse e a distinguida valorização que se dá à nobre classe dos ilustres juristas da região que a O.A.B. — Seção de Minas Gerais, conclamada no seu dinamismo e zelo de permanente atalaia da defesa

da advocacia, houve por bem criar, em Sete Lagoas, a sua 46.ª Subseção, confiando-a à Presidência do eminente catedrático e homem público, Dr. *José Antônio de Vasconcelos Costa*, também professor da *Faculdade de Direito de Sete Lagoas*.

OS TIMONEIROS DA FUNDAÇÃO

Muitos nomes se elevam na magna história da Fundação.

Homens de vontade intemorata e destemor audaz, assinaladamente, seus serviços deixam o traço marcante de suas personalidades, engrandecidas pelo devotamento à nobre causa.

Como lídimos construtores de tão soberbo monumento, os responsáveis pelos destinos da *Fundação Educacional "Monsenhor Messias"* e de suas *Unidades de Ensino* vêm, incansavelmente, dando o melhor de si, para que a esmerada qualidade do ensino superior, aqui ministrado, seja a característica de tão enaltecida entidade.

Urge que se diga, ainda sobre os primeiros trabalhos, que aqueles foram dias de labor insano, anos até, que no rijo da luta consumiam vidas.

Era a dedicação, a capacidade e a inteligência do Dr. *Wilson Veado*, que se debruçava no exaustivo trabalho de organizar todo o processado para a autorização de funcionamento das duas faculdades.

Era o denodo e a atividade profícua de *Abílio Gomes*, Presidente da Fundação, desde que a mesma se instituiu, juntamente com seus abnegados companheiros de Conselho e do *Rotary Club de Sete Lagoas*, que se revelava, como sempre, seguro timoneiro na condução dos destinos da promissora entidade.

Contam-se, ainda, em atuação destacada, o *Dr. Afrânio de Avelar Marques Ferreira*, firme sustentáculo desde as primeiras lutas, o *Exmo. e Revmo. Dom Daniel Tavares Baêta Neves*, Bispo da Diocese e também membro fundador da instituição, o *Dr. Wiliam Romualdo da Silva*, MM. Juiz de Direito da 1.ª Vara da Comarca, o *Dr. Antônio Pereira de Souza* que, como Vice-Presidente, exerceu por algum tempo a presidência da Fundação, o *Dr. Wilson Vieira de Gouvêa*, ex-diretor da Faculdade de Direito, o *Dr. Heraldo Costa Val*, ex-diretor geral de ensino.

Nos dias de agora, desponta o fulgor da inteligência e o devotamento abnegado do *Dr. Aroldo Plínio Gonçalves*, Diretor Geral de Ensino, a incansável dedicação do *Dr. Talma Joffre de Vasconcelos* e do *Dr. Meireles Vicente de Avelar*, respectivamente, diretores das Faculdades de Direito e de Filosofia, Ciências e Letras.

É de se registrar, também, a colaboração eficiente das dignas secretárias de ambas as faculdades, bem como da dinâmica bi-

bliotecária e de suas dignas auxiliares.

Por outro lado, a Delegacia Regional de Ensino de Sete Lagoas, na pessoa de sua ilustre delegada, *Sra. Ivone Campelo Ribeiro Brunetti*, igualmente tem emprestado à causa da Fundação relevante e louvável apoio.

Inegavelmente, todos se empenham em realizar um labor sagrado. Uns e outros, incansáveis e solidários, continuam doando-se à exaustiva tarefa, qual a semente que na terra primeiro se consome para que a árvore possa brotar e crescer, vigorosa e exuberante.

A Fundação Educacional e suas Unidades de Ensino prosseguem, pois, a decidida marcha no atingimento de seu sublime mister, tendo à frente de seus destinos os seguintes membros :

CONSELHO DIRETOR DA FUNDAÇÃO

Presidente : Sr. Abílio Gomes

Vice-Presidente : Dr. Antônio Pereira de Souza

1.º Secretário : Dr. Hélio Diniz Peixoto

2.º Secretário : Dr. Milton Antônio Chaves

1.º Tesoureiro : Sr. Euro de Andrade

2.º Tesoureiro : Sr. Rubens Maciel Lanza,

Conselheiros : Dr. Afrânio de Avelar Marques Ferreira, Sr. Avelar Pereira de Alencar, Sr. Fausto Ribas Dornas.

Diretor Geral de Ensino : Prof. dr. Aroldo Plínio Gonçalves.

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras : Diretor : Dr. Meireles Vicente de Avelar.

Faculdade de Direito de Sete Lagoas : Diretor : Dr. Talma Joffre de Vasconcelos; Vice-Diretor: Dr. Cirilo de Abreu Paiva.

Escola de Música "Lia Salgado" : Diretora : Sra. Sônia Maria L'Abbate Marques.

Torna-se de justiça ressaltar que todo este esforço, sério e edificante, que se faz em prol do ensino superior e também da arte musical em Sete Lagoas, tem ainda por base a proficiente dedicação de um corpo docente de elite, verdadeiramente digno dos encômios que se lhe atribuem ao mérito até mesmo os órgãos de fiscalização.

Aliás, um dos resultados feliz deste trabalho constata-se no acelerado encaminhamento e tramitação dos processados que cogitam do reconhecimento, pelo Governo Federal, das faculdades existentes.

A UNIVERSIDADE QUE SE LEVANTA

Para uma obra majestosa, o talento de um mestre.

Para projetar o "campus" universitário da Fundação, o gênio de *Oscar Niemeyer*.

Como do amor nasceu, porque da abnegação de muitos, será também construída com amor, que, de modo primoroso, o engenho e a arte do renomado arquiteto podem projetar.

Brevemente, será lançada a pedra fundamental e iniciada a implantação do "campus" universitário, atuando como presidente da Comissão de Implantação da UNISETE o professor Dr. *Hélio Corrêa*.

A área, onde será edificada a universidade e onde já estão sendo desenvolvidos os trabalhos preparatórios, localiza-se nos 14,52 hectares de terreno, delimitada pela Avenida Guadalajara, Rua Pedra Grande, Rua Felipe Chamon e propriedade do Sr. José Cirilo Leão.

Cumpre, a propósito, registrar, com a mais viva gratidão, que, em 5 de março de 1969, o patrimônio da Fundação Educacional enriquecia-se sobremaneira com valioso acervo que se lhe incorporava, quando a entidade recebia do benemérito casal *José Cirilo Leão* a escritura de doação de terreno de cerca de 145.200 m², para nele instalar o "campus" da *Universidade de Sete Lagoas*.

Neste local, será erguida, portanto, uma universidade, dentro dos mais modernos padrões do ensino, para atender à demanda

das gerações do presente e do porvir, para formar mentes e corações a serviço da comunidade dos homens e da Pátria.

Além da *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras* e da *Faculdade de Direito*, prevê-se, também, a criação da *Faculdade de Educação*, *Faculdade de Ciências Contábeis e Administrativas*, esta, inclusive, já sendo organizada e tendo como Diretor Provisório o Dr. Geraldo Alves Padrão, *Faculdade de Engenharia Eletrônica*, *Faculdade de Ciências Agrárias* e *Faculdade de Odontologia*, cujas unidades propiciarão à futura universidade, em seu pleno funcionamento, congregar uma população de cerca de 8.000 alunos.

Vale ponderar, aqui, a elevada importância sócio-econômica de uma universidade no interior, que se traduz pelos visíveis efeitos da modificação, por etapas, da estrutura comunitária e pela elevação do nível cultural da população.

Pondere-se ser do consenso geral que a universidade representa para a sociedade um serviço especializado do mais relevante significado.

Dela advém a formação de profissionais não só de instrução superior como também os quadros técnicos, políticos e intelectuais do mais alto nível, responsáveis pela manutenção, afirmação e soberania do País.

Por isto mesmo, povo e autoridades se congregam no esforço comum de erigir a *Universidade de Sete Lagoas*, integrando-se, neste empolgante objetivo, o valioso apoio do Executivo e do Legislativo Municipais, na pessoa do dinâmico prefeito *Sérgio Emilio de Vasconcelos Costa* e na vibrante atuação dos nobres *Vereadores da Câmara* deste município.

Este trabalho, exigindo a pertinácia e a adesão de toda a comunidade, bem reflete a consciência de homens responsáveis, cujo vulto e expressão do empenhamento a que se dedicam conclama e atinge as raízes de um dever cívico, tarefa de gigantes, mister sublime e obrigação de todos.

Sobretudo, considerando-se a localização e infra-estrutura sócio-econômica e cultural de Sete Lagoas, verifica-se, à evidência, que a atuação da *universidade* aqui instalada não se restringirá apenas ao município, mas abrangerá, com relevância, progressistas áreas vizinhas, como: *Paraopeba*, *Caetanópolis*, *Jequitibá*, *Inhaúma*, *Cachoeira dos Macacos*, *Prudente de Moraes*, *Matosinhos*, *Pirapama*, *Pequi*, *Papagios*, *Fortuna de Minas*, *Funilândia*, *Felixlândia*, *Cordisburgo*, *Curvelo*, *Araçá* e outras mais, além dos municípios que compõem a área metropolitana de Belo Horizonte.

É inegável, portanto, que Sete Lagoas, já possuindo uma popu-

lação estudantil de quase 21.000 alunos, de primeiro e segundo graus, pelas condições de que desfruta, deverá se preparar para fornecer à sua região sócio-econômica uma *Universidade*, que possa servir de ponto de apoio à formação de profissionais e de pessoal técnico do maior e mais expressivo gabarito.

Côncios todos estão de que num País como o nosso, carente de tecnologia própria, somente poder-se-á alcançar o almejado e pleno desenvolvimento pela formação de uma elite intelectual.

Há, evidentemente, esta preocupação constante de que a cultura atinja a todas as áreas, num salutar esforço, contínuo e altruístico.

Neste afã, povo e autoridades setelagoanos se unem na construção de sua *universidade*, trabalhando com dedicação e amor para que, na terra dos lagos encantados, ainda mais se enalteça o glorioso destino desta gente e, perenemente, seja elevado o nome desta feliz e abençoada cidade, como Deus a quis e como se propala: "*AD ALTIORA NATA*".

O Ensino em Nossa Terra

Judith Coelho Maciel

A juventude de nossa terra é hoje, quase, uma geração de escritores. Meninos fazem trovas e são laureados em concursos.

Adolescentes compõem boas músicas cujos versos são dignos dos melhores compositores.

Jovens trocaram a vida de um vaivém sem ideal pela trepidante marcha emancipadora, que se conquista pela busca da cultura.

Esse povo e essa gente dessa cidade e arredores — esse homem setelagoano impõe um ritmo de aceleração ao processo de desenvolvimento, porque, hoje, um novo marco de progresso foi implantado com o pleno e real funcionamento das faculdades e, em decorrência, abertura de cursinhos preparatórios para o vestibular com alto nível de ensino.

As noites escuras e despovoadas se transformaram, com casarões iluminados, acolhendo uma multidão sedenta de saber. Não há em Sete Lagoas um prédio ocioso. Em cada um há um curso diferente preparando uma nova geração. Nossa comunidade é uma "juventude" em marcha, plantando e colhendo as belas formas de cultura que se tornaram acessíveis tanto ao homem médio como ao homem comum.

Festivais e mais festivais de cultura se realizam: festival de música, de poesia, de folclore, de dança, de trovas, de teatro etc...

Exposições as mais diversas e os jovens trabalhando aqui e ali; líderes despertando outros líderes e uma renovação se faz sentir no corpo geográfico industrial e no espírito comunitário de Sete Lagoas.

Anos atrás eu temia que nossos moços se envelhecessem, pelo desânimo ante as vicissitudes de uma luta árdua, às vezes desumana, pela sobrevivência e pela difícil auto-afirmação.

Como sobreviver num mundo de progressos vertiginosos se faltar a cultura ao alcance do jovem ?

Como se realizar num mundo altamente tecnológico sem uma sólida formação moral e profissional ?

Quando se curva um corpo onde no espírito não foi cultivado os ideais de cultura que um dia o moço sonhou, o seu entusiasmo se arrefece e essa infelicidade acontecida nos faz confundir o amadurecimento com a mediocridade.

Não tememos mais por isso. Vemos aqui uma juventude que se dedica às letras, meninos preocupados em melhorar suas técnicas de aprendizado e jovens professores no afã de se atualizarem e Sete Lagoas caminhando a passos de gigante...

Mas, a geração de hoje, impaciente e que exige soluções rápidas para problemas a longo prazo, desconhece as lutas que nossos antepassados travaram para dotar nossa terra de um curso secundário apenas... Foi uma gestação lenta.

A vida cruel passou seu rolo compressor sobre a vida de todos, esmagando uns, ferindo outros, mas, não morreu nenhum deles, porque não foram varridos de nossas gratas lembranças.

A estrada percorrida por eles deve ter sido mais árdua que a nossa.

Fizeram tentativas diversas :

De Ouro Preto, berço de nossa cultura, veio em 1876 o Prof. Emílio Soares Gouveia Horta, que criou o 1.º Ginásio com um pequeno internato e entre os alunos figurava o menino João — futuro dr. João Antônio de Avelar, um dos grandes benfeitores de Sete Lagoas, que assistiria ao nascimento de Guimarães Rosa, que levaria também, em sua homenagem, o nome de João.

Houve uma segunda tentativa em 1881 quando o Prof. Antônio Augusto de Azeredo Coutinho, natural de Sabará, abriu o 2.º Ginásio que pouco tempo durou.

Em 20 de junho de 1894 o Cel. Teófilo Marques Ferreira criou a primeira Escola Normal, que também durou pouco. Mesmo depois de insucessos, ficava a esperança e o entusiasmo no coração de todos e a vontade de novas tentativas inflamava aqueles que desejavam a grandeza de nossa terra. Por isso os setelagoanos continuavam lutando...

Com a chegada dos padres belgas nascia nova esperança, em 1901, com a criação do Colégio Sagrado Coração de Jesus, que desapareceu logo no início do século XX, século de tantas promessas.

O marco glorioso do início do desenvolvimento cultural de nossa comunidade estava reservado ao saudoso Mons. Messias de Senna Baptista, a quem Deus cumulava de privilégios e que a "mancheias" nos distribuiu.

Foi justamente quando a cidade comemorava o centenário da Independência do Brasil, que o Padre Messias, então Vigário da Paróquia de Santo Agostinho, também deu o grito de nossa independência cultural.

Fundou o Colégio D. Silvério, instalado a 7 de setembro de 1923, que traz nos arquivos amarelados do tempo nomes de grandes homens que se projetaram nas lides diversas, aqui e fora de nossas fronteiras.

Fundou ainda em 15 de abril de 1931, a Escola Normal Regina Pacis cuja primeira diretora, grande auxiliar de Mons. Messias, foi a Prof. D. Edith Furts, a quem muito devemos.

Dá para cá, sob as bênçãos de Deus e proteção de Mons. Messias vimos os colégios florescerem.

Mas, havia uma mágoa no rosto dos pais.

Havia uma desesperança no rosto dos filhos.

Havia um desequilíbrio social na comunidade.

Havia o êxodo de jovens, que força nenhuma segurava.

Havia, acima de tudo, a incerteza do desenvolvimento de Sete Lagoas, porque a intelectualidade jovem procurava fora daqui condições para atualizar-se numa busca da indispensável instrução, por lá ficando, gerando um ônus e um desequilíbrio para gerações consecutivas.

Mas, Mons. Messias havia plantado em terra fértil a sua semente e na mansão do céu estava vigilante... Havia deixado grandes artífices da cultura para continuar sua obra.

Passara a vida ensinando, despertando as autoridades, entusiasmando seus filhos.

Promovia o povo através de ensinamentos que ministrava nas homilias, no confessionário, nas aulas, nos bate-papos de sua vida cotidiana, que era um manual de ensinamentos.

Por isso o povo aprendeu que o melhor investimento está na educação, na instrução. E lutou para dotar S. L. de um alto nível de ensino, colocando nossa comunidade entre as cidades mineiras que mais progredem no setor da cultura.

Em decorrência disso nasceram as Faculdades cuja falta magoava tanto o povo. E as Faculdades nasceram de poucas palavras: "Ideal e Colaboração".

Por ter sido ele quem deu o grito de nossa independência cultural, a Fundação que mantém as Faculdades, em justa homenagem leva o seu nome:

Fundação Educacional Monsenhor Messias — o cadinho em que se está forjando uma nova geração.

Educação para o Desenvolvimento

Em virtude do fantástico desenvolvimento material da Era Tecnológica, e, conseqüentemente, da comunicação em massa, nosso mundo tornou-se pequeno, na verdade, uma aldeia grande.

E torna-se cada vez mais importante, mais imperiosa nesse mundo moderno e trepidante, a Educação, pois esta é que conduz as nações ao desenvolvimento; que transmite de geração a geração a cultura acumulada das civilizações; finalmente, é a preservadora dos mais altos valores morais e espirituais dos povos.

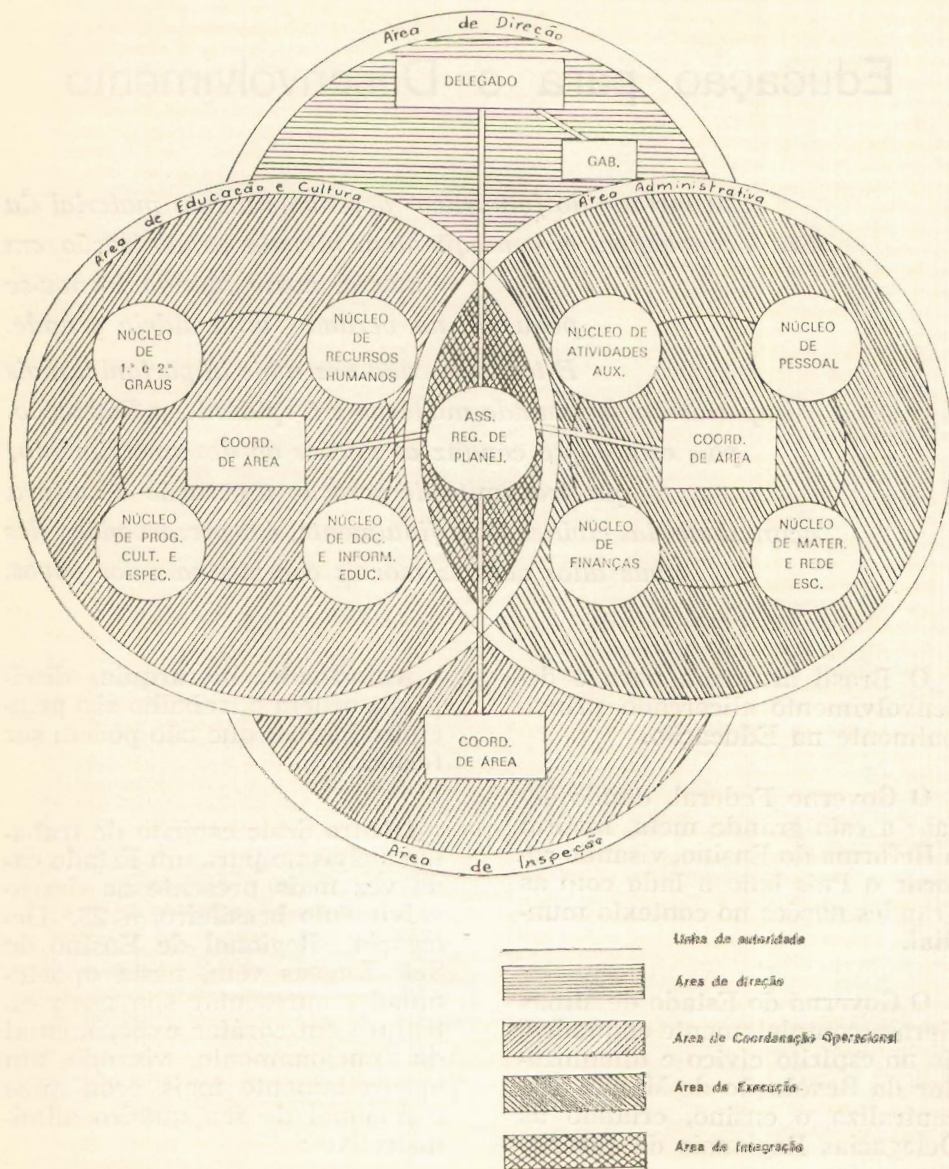
O Brasil arrancou para o desenvolvimento alicerçado principalmente na Educação.

O Governo Federal, dando ênfase a esta grande meta, instituiu a Reforma do Ensino, visando colocar o País lado a lado com as grandes nações no contexto mundial.

O Governo do Estado de Minas Gerais, completamente enquadrado no espírito cívico e dinamizador da Revolução de Março, descentraliza o ensino, criando as Delegacias Regionais de Ensino.

Autoridade, hierarquia, disciplina, ordem e trabalho são princípios básicos que não podem ser feridos.

Dentro deste espírito de trabalho e civismo para um Estado cada vez mais presente no desenvolvimento brasileiro, a 23.^a Delegacia Regional de Ensino de Sete Lagoas vem, nesta oportunidade, apresentar sua nova estrutura em caráter experimental de funcionamento, visando um aproveitamento mais econômico e racional de seu quadro administrativo :



A 23.^a Delegacia Regional de Ensino atende a trinta municípios, divididos em 5 (cinco) Inspeções Seccionais :

1. SETE LAGOAS — Sede de Inspeção Seccional
2. Funilândia
3. Jequitibá
4. Santana do Pirapema
5. Inhaúma
6. Cachoeira dos Macacos
7. Fortuna de Minas
8. PARAÓPEBA — Sede de Inspeção Seccional
9. Caetanópolis
10. Araçá
11. Cordisburgo
12. Barreiro Grande
13. Três Marias
14. ABAETÉ — Sede de Inspeção Seccional

15. Pompéu
16. Quartel Geral
17. Cedro do Abaeté
18. Paineiras
19. Biquinhas
20. Morada Nova de Minas
21. CURVELO — Sede de Inspeção Seccional
22. Felixlândia
23. Inimutaba
24. Morro da Garça
25. CORINTO — Sede de Inspeção Seccional
26. Santo Hipólito
27. Monjolos
28. Augusto de Lima
29. Buenópolis
30. Joaquim Felício

Pertencem à 23.^a Delegacia Regional de Ensino :

Estabelecimentos :

De 1. ^o grau — quatro primeiras séries	566
quatro últimas séries	52
De 2. ^o grau —	24
Total	642

Professores :

De 1. ^o grau — quatro primeiras séries	1.905
quatro últimas séries	815
De 2. ^o grau —	368
Total	3.078

Alunos :

De 1.º grau — quatro primeiras séries	58.451
quatro últimas séries	18.920
De 2.º grau —	4.038
Total	<u>81.409</u>

Estes dados são baseados nas coletas feitas em 1973, através dos Quadros de Classe e PROCARTA.

Colaboração da 23.ª Delegacia Regional de Ensino

Sete Lagoas — Abril de 1974

IVONE CAMPELO RIBEIRO BRONETTI, Delegada de Ensino

Concursos Literários

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL MONSENHOR MESSIAS, DE SETE LAGOAS, PROMOVE TRÊS CONCURSOS LITERÁRIOS, ESTENDENDO-OS AOS UNIVERSITÁRIOS DE TODO O PAÍS.

O sucesso de nossos três concursos literários, de conto, de poesia, e de trovas, pode ser colhido pelo noticiário da imprensa, e pelo número de candidatos que têm enviado trabalhos. Talvez pela primeira vez no Brasil um concurso universitário é estendido a todos os Estados da Federação. Isto chama-se traço-de-união unificador. Este é o papel da universidade.

Publicamos o regulamento dos concursos :

"A Fundação Educacional "Monsenhor Messias", por suas Faculdades de Filosofia e de Direito, com o apoio da Prefeitura Municipal de Sete Lagoas em combinação com a Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais e a colaboração do Clube de Letras e da União Brasileira de Trovadores de Sete Lagoas, institui um concurso de contos, um concurso de poesia e um concurso de trovas de âmbito nacional para universitários, sob as seguintes bases :

Concurso de Contos, Concurso de Poesia e Concurso de Trovas

- 1) Haverá um prêmio de cinco mil cruzeiros em dinheiro, acompanhado de um diploma denominado "Prêmio Cidade de Sete Lagoas", para o melhor trabalho apresentado no gênero conto; outro prêmio também de cinco mil cruzeiros em dinheiro, acompanhado de um diploma denominado "Prêmio Fundação Educacional Monsenhor Messias", para o melhor trabalho apresentado no gênero poesia e um prêmio de dois mil cruzeiros, acompanhado de um diploma denominado "Prêmio Emílio de Vasconcelos Costa", para a melhor trova sob os temas "Promover" ou "Cultivar".
- 2) Os três concursos destinam-se a todos os universitários do Brasil; só poderão concorrer estudantes de nível superior.

- 3) A data da inscrição será de 30 de abril a 30 de setembro de 1974. Os concorrentes deverão enviar seus trabalhos sob registro postal para : "Fundação Educacional "Monsenhor Messias" — Concurso Literário — Caixa Postal, 316 — 35.700 — Sete Lagoas — Minas Gerais", ou entregar na sede da Faculdade de Filosofia, na seção própria, mediante recibo, no horário de 19 às 22 horas, de segunda a sexta-feira, em Sete Lagoas.
- 4) Os trabalhos deverão ter um mínimo de uma lauda e um máximo de doze laudas tanto no gênero contos, como no gênero poesia; os temas serão de livre escolha dos candidatos. Para o gênero trovas, o trovador poderá enviar até (três) trovas **dentro dos temas** "Promover" ou "Cultivar", mas concorrerá somente uma trova, aquela que a Comissão Julgadora escolher como a melhor.
- 5) Cada concorrente deverá enviar seu trabalho em 3 (três) vias datilografadas em espaço 2 (dois), com pseudônimo. Em caso de entrega na secretaria, o recibo será fornecido pelo pseudônimo. Em envelope lacrado virá o nome do concorrente, a Faculdade a que pertencer, a declaração do estabelecimento de que o aluno está ali matriculado, o endereço e a série em que está. Se já tiver livros publicados, mencionar.
- 6) O Presidente Abílio Gomes, da Fundação Educacional "Monsenhor Messias" e o Presidente Alfredo Marques Viana de Góes, da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais indicam os escritores Murilo Rubião, Euclides Marques Andrade, Garcia de Paiva e Danilo Gomes, para comporem a Comissão Julgadora do Concurso de Contos; os escritores Lacyr Schettino, Mercês Maria Moreira Lopes e Paschoal Motta, para comporem a Comissão Julgadora do Concurso de Poesia e o Dr. José Valeriano Rodrigues e as poetisas Mariza da Conceição Pereira, Presidente do Clube de Letras de Sete Lagoas e Judith Coelho Maciel, Presidente da União Brasileira de Trovadores de Sete Lagoas, para comporem a Comissão Julgadora do Concurso de Trovas.
- 7) As três Comissões Julgadoras escolherão os melhores trabalhos apresentados, respectivamente, em cada gênero e poderão, se assim o julgarem conveniente, conceder menções honrosas, em número que estabelecerem. Poderão, ainda, se assim o entenderem, dividir o prêmio no máximo entre dois concorrentes.
- 8) As decisões das Comissões Julgadoras, absolutamente autônomas, são irrecorríveis".

Universidade de Sete Lagoas - Unisete

Os trabalhos de implantação da futura Universidade de Sete Lagoas prosseguem em ritmo acelerado. O prefeito Sérgio Emílio de Vasconcelos Costa, os vereadores, a imprensa, toda a comunidade setelagoana têm apoiado o empreendimento através de dotações, de trabalho, de iniciativas variadas.

No sentido de dar ordenação objetiva a esta arrancada, o presidente Abílio Gomes nomeou há tempos a "Comissão de implantação da futura Universidade de Sete Lagoas". A Comissão é esta: Hélio Corrêa, presidente, Avelar Pereira de Alencar, José Salomão Tanure, Américo Vieira de Carvalho, Agenil Dias Magalhães, José Gontijo de Lacerda, Carlos Afonso Viana, Geraldo Alves Padrão, Mauro de Carvalho Dias e José Tavares Leão.

Conselho Fiscal: Pe. Ercílio Arcanjo da Silva, Pároco da região do "campus"; Cirilo Abreu Paiva, pelo corpo docente; Geraldo Miguel de Pinho, pelo corpo discente (contador).

Comissão de Assistência Técnica: Venceslau de Paula Delgado, Rômulo de Avelar, Paulo Rogério Campolina Paiva.

Arquitetos, advogados, professores, alunos, fazem parte da comissão, para que o trabalho seja bem distribuído, conte com especialistas e seja mais profícuo.

O presidente desta comissão, dr. Hélio Corrêa, e os drs. Níbio M. Teixeira e Luiz C.R. Echeverria prepararam um "Plano diretor da Universidade de Sete Lagoas e viabilidade econômica de sua implantação". O plano, impresso em 1973, faz todos os cálculos necessários, e atesta a seriedade e a eficiência com que os trabalhos vão-se desenvolvendo.

O arquiteto Oscar Niemeyer entregou o projeto do campus universitário. Este arquiteto de renome internacional, graças à feliz gestão do deputado Renato Azeredo, prontificou-se a trabalhar para a Fundação Educacional Monsenhor Messias.

E é assim, graças aos esforços de todos, que nasce a futura UNISETE.

Ao lado, a mensagem do presidente Abílio Gomes, quando nomeou esta comissão :

“Esta Universidade, que estamos implantando com a força do coração, haverá de permanecer através dos séculos, como centro irradiador de cultura e civismo, formando as lideranças que irão ajudar a construir e consolidar a grandeza da Pátria”.

Editorial do «Estado de Minas»

O editorial do "Estado de Minas", de 30-12-1973, retrata bem o que representa as faculdades do interior, no contexto da educação universitária brasileira. Por isto, julgamos oportuna sua transcrição :

"Ensino no interior"

"Hoje já não se pode duvidar : o ensino superior caminha por Minas adentro. As Faculdades de Filosofia, de Agronomia, de Administração de Empresas, de Direito, vão salpicando as cidades do interior como contrafortes da melhor cultura brasileira. E a mocidade de poucos recursos, que não tinha, antigamente, outros meios para enfrentar a vida, a não ser os empregos de limitado futuro, vai se aprimorando dentro da vida universitária, para vocações de mais amplitude.

Em nosso Estado, os exemplos estão aí, em Juiz de Fora, em Itaúna, Divinópolis, Sete Lagoas, Montes Claros, Ouro Preto, Mariana, Patos, Pouso Alegre, Alfenas, Itajubá, Varginha, Guaxupé, Cataguases, Monlevade, Uberlândia, Uberaba, e algumas outras, sem falar nas tradicionais, como Viçosa e Santa Rita do Sapucaí.

A Faculdade de Medicina de Uberlândia, por exemplo, que formou em 1973 sua primeira turma, chamada "turma pioneira", é moderna, dinâmica, atualizada. Compõe-se de vários pavilhões, ocupando cerca de dois ou três quarteirões. Lá dentro há um hospital e um Pronto Socorro, de maneira que os estudantes praticam diariamente, examinando e atendendo pacientes. A de Varginha, por sua vez, apresenta também vasto painel de vantagens e melhorias universitárias. As Faculdades de Guaxupé, de Uberaba, de Divinópolis, de Alfenas e tantas outras situam-se, pelos recursos didáticos de que dispõem, entre as boas faculdades do Brasil. Em Montes Claros, o criador da Faculdade de Medicina, Mário Ribeiro, introduziu um sistema que atende bem à dinâmica da vida social brasileira : o estudante obtém uma bolsa de estudo para todo o curso e, depois que se forma, fica naquela região, custeando ainda o curso de novo aluno.

Desta maneira, a Infra-estrutura universitária brasileira, em outros tempos radicada apenas nas capitais, vai-se ramificando, a estender por todo o corpo do Brasil, as veias e artérias de seu sistema didático. E o que era quase estanque passa a circular.

Agora, por exemplo, a Fundação Educacional Monsenhor Messias, de Sete Lagoas, está em fase de ampliação, para transformar-se em Universidade de Sete Lagoas. O presidente da entidade não descansa, sempre em contato, em Brasília, com o Conselho Federal de Educação. E o arquiteto Oscar Niemeyer está ultimando, em seus escritórios de Paris, os trabalhos para o "campus" dessa universidade. Funcionando até agora com duas Faculdades, a de Direito e a de Filosofia, esta com quatro cursos, a FEMM está trabalhando na área federal, como se acentuou, para a instalação das Faculdades de Agronomia, Odontologia, Ciências Contábeis e Administração de Empresas. Outras etapas estão programadas para futuro próximo. Num exemplo de compreensão, a Prefeitura de Sete Lagoas e as empresas da região, amparam a iniciativa.

No ano de 1974 a Faculdade de Direito dessa cidade passará a funcionar no Grupo Escolar Artur Bernardes, em pleno centro. Esta medida visa a atender dispositivos federais, aumentando ainda o conforto dos estudantes. O governador, o secretário da Educação, a delegada do ensino em Sete Lagoas, todos, enfim, trabalharam em equipe para a consecução desta etapa de melhoria do ensino superior no "hinterland" mineiro. Durante o dia o grupo atenderá às crianças e, à noite, aos universitários."

Gente da Revista

Clovis Salgado

Nascido em Leopoldina, tem exercido, entre outras, as seguintes funções :

Professor da Faculdade de Medicina (U.F.M.G.); Deputado Estadual; Deputado Federal; Secretário de Estado da Educação; vice-Governador e Governador do Estado de Minas Gerais; Ministro da Educação e Cultura; Membro do Conselho Federal de Educação. Atualmente é Diretor da Faculdade de Medicina.

José Omar Guimarães

Formado em Teologia (bacharelado) em Juiz de Fora; em Filosofia (licenciatura plena) no Estado de São Paulo; Ciências Políticas e Sociais pela Universidade de São Paulo, tendo ainda vários outros títulos. É professor de Filosofia, Sociologia, Deontologia do Magistério, Estudo de Problemas Brasileiros em várias faculdades.

Talma Joffre de Vasconcelos

Bacharel em Direito pela Faculdade Federal de Belo Horizonte; professor titular da Cadeira

de Direito Civil, da Faculdade de Direito de Sete Lagoas, da Fundação Educacional "Monseñor Messias"; Diretor da Faculdade de Direito de Sete Lagoas; Professor de Português no Colégio Estadual de Sete Lagoas.

Teve participação em vários congressos de Direito Civil; inclusive em Buenos Aires, no ano de 1944; Curso de italiano pela "Casa de Itália", em Belo Horizonte. Especialidade : "Divina Comédia" — Dante Alighieri.

Olinto Carlos da Fonseca

Bacharel em Letras Neolatinas, pela U.F.M.G.; Bacharel em Direito pela U.F.M.G.; diploma de Pédagogie Française, pela Alliance Française; catedrático de Latim e Professor de Francês do Colégio Militar de Belo Horizonte; professor de Língua Latina da Faculdade de Letras da U.F.M.G.; ex-professor de Filologia Românica e de Civilização Greco-Romana, da U.F.M.G.; professor titular da Cadeira de Latim do Instituto de Educação de Minas Gerais; professor brasileiro junto à Universidade de Strasbourg, França (1965/67). Já publicou as seguintes obras :

"O princípio da expressividade e da melodia na frase latina".
"De Positionibus Latini Infecti"
"Paul Diel : uma interpretação psicológica dos mitos gregos".
"Manual de Latim".

Abílio Gomes

Nascido no município de Itabirito, tem exercido entre outras, as seguintes atividades : Presidente da Fundação Educacional "Monsenhor Messias" (desde sua instituição em 1966); Tabelião do 1.º Ofício, em Sete Lagoas; membro fundador do Colégio Notarial do Brasil, membro da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra; membro da Fundação Histórica e Artística de Sete Lagoas; membro do Conselho Municipal de Desenvolvimento de Sete Lagoas; membro do Instituto Esperanto de Educação; membro fundador do Colégio Hispano-Americano de Brasília; Ex-Presidente e atual Diretor da Associação Comercial e Industrial de Sete Lagoas; Ex-Diretor da Federação das Associações Comerciais do Estado de Minas Gerais; Fundador e 1.º presidente do Rotary Club de Sete Lagoas; membro do 1.º Conselho de Administração da Minas Investimentos S.A., além de outros títulos.

Mauro Andrade Rosa

Curso Médio no sistema de internato do Colégio "São José", de Pouso Alegre; Relações Hu-

manas pelo I.D.O.R.T.; curso de Eletrotécnica pela CEMIG; cursa o 2.º ano de Direito pela Faculdade de Direito de Sete Lagoas, da FEMM; fundador do Jornal Universitário "DIREITO-7" membro da Câmara Júnior de Sete Lagoas — CAJUSETE; membro do Clube de Letras de Sete Lagoas; Diretor Editor de "A Notícia".

Francisco Timóteo Pereira

Curso Médio pelo Colégio Municipal de Belo Horizonte; curso de Técnico Agrícola pela CIBAR — Convênio Brasil-Estados Unidos, em Pedro Leopoldo; Relações Públicas e Humanas pela Rede Ferroviária Federal S.A. em convênio com o DASP, no Rio-GB; Instrutor de Tráfego Ferroviário, com sede em Sete Lagoas; prof. de Tráfego e Receita, no Serviço de Treinamento da 14.ª Divisão Centro-Norte (Ex. E.F.C.B.); cursando o 3.º de Direito; professor de Educação Moral e Cívica do Ginásio "Minas Gerais", do qual é um dos sócios fundadores; membro da União Brasileira de Trovadores; ocupante da Cadeira n.º 12 do Clube de Letras de Sete Lagoas.

Mariza da Conceição Pereira

Cursou Comércio e Contabilidade pela Escola Técnica de Comércio de Sete Lagoas, atual Colégio Estadual "Maurilo de Jesus Peixoto"; curso de Adestramen-

to pelo SENAC; curso Normal, pela Escola Normal de Matosinhos; curso de Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, da Fundação Educacional "Monsenhor Messias"; exerce no Grupo Escolar "Cândido Azeredo" a função de Adjunta de Diretora; leciona Português e literatura no Colégio Estadual "Maurilo de Jesus Peixoto"; é membro do Clube de Letras de Sete Lagoas, onde exerce a presidência; membro da União Brasileira de Trovadores — U.B.T.; membro da Fundação Histórica de Sete Lagoas.

Geraldo Miguel de Pinho

Técnico em Contabilidade; Estatístico (provisionado) — Registrado no CONRE — 5.ª Região; Estagiário — Registrado na O.A.B. — Seção de Minas Gerais; Organização e Tramitação de Processos — Ministrado pela Delegação do Tribunal de Contas da União em Minas Gerais; Redação Técnico-Científica — Ministrado no IPEACO sob os auspícios do IICA; Direito Penal e Processual Militar; Quartanista do curso de bacharelado de Direito da Faculdade de Direito de Sete Lagoas; Chefia a Seção de Administração do Instituto de Pesquisas Agropecuárias do Centro-Oeste (IPEACO).

Judith Coelho Maciel

Curso Normal pelo Instituto Santo Antônio, de Curvelo, exer-

cendo a magistério inclusive no Ginásio Industrial Prof. "Fernandino Júnior", de Sete Lagoas, até o ano de 1970; exerce a Coordenação das Voluntárias do Departamento Diocesano; Secretária das Obras Sociais do Instituto "Pe. D'Amato"; Cronista de vários jornais do passado e do presente; membro do Clube de Letras de Sete Lagoas; presidente da União Brasileira de Trovadores — Seção de Sete Lagoas.

Yvone Campelo Ribeiro Brunetti

Portadora de diploma do Curso de Administração Escolar do Instituto de Educação de Minas Gerais. Esteve à disposição da Universidade Federal de Goiás durante os anos de 1966, 1967 e 1968, como Professora de Didática de Estudos Sociais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Atualmente exerce o cargo de Delegada Regional de Ensino de Sete Lagoas.

Euclides Marques Andrade
(Editor)

Bacharel em Letras Jurídicas e Sociais, pela U.F.M.G.; vice-presidente da Academia Municipalista de Letras de M.G.; do Clube Letras de S.L.; jornalista profissional sindicalizado desde 1949; Vogal na Junta Comercial do Estado; manteve colunas permanentes no "Estado de Minas", "O Diário" (quase vinte anos), "Diá-

rio de Minas”, “Diário da Tarde” (diariamente); mantém a coluna “Gente, Livros & Fatos” no “Minas Gerais”, há oito anos. Publicou os seguintes livros : “O Dono do Mundo”, contos, Agir Rio, 1948; “Lendo Charles Mor-

gan”, I.O., 1967 que obteve duas láureas: “Prêmio Academia Mineira de Letras” e “Prêmio Pandiá Calógeras” da Secretaria de Educação; “Um Gosto de Fel”, I.O., B.H., 1972 e “Duas Peças Infantis”, Copibel, B.H. 1972.

“Meus filhos : mantenham a cabeça sempre inclinada sobre os livros, para que possam tê-la amanhã erguida perante os homens”.

Monsenhor Messias de Senna Baptista

Fundação Educacional Monsenhor Messias - Diretoria

CONSELHO DIRETOR :

Presidente : *Abílio Gomes*

Vice-Presidente : *Antônio Pereira de Souza*

1.º Secretário : *Hélio Diniz Peixoto*

2.º Secretário : *Milton Antônio Chaves*

1.º Tesoureiro : *Euro de Andrade*

2.º Tesoureiro : *Rubens Maciel Lanza*

Conselheiros : *Afrânio Avelar Marques Ferreira*

Avelar Pereira de Alencar

Fausto Ribas Dornas

UNIDADES DE ENSINO :

Diretoria Geral de Ensino

Diretor : *Aroldo Plínio Gonçalves*

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

Diretor : *Meireles Vicente de Avelar*

Faculdade de Direito de Sete Lagoas

Diretor : *Talma Joffre de Vasconcelas*

Escola de Música "Lia Salgado"

Diretora : *Sônia Maria L'Abbate Marques*

Faculdade de Ciências Contábeis e Administrativas
(Em organização)

Diretor provisório : *Geraldo Alves Padrão*

UNIDADE DE DIVULGAÇÃO :

Departamento de Imprensa e Difusão

Diretor : *Euclides Marques Andrade*

— **CULTURAL**” é publicada pela **Fundação Educacional Mons. Messias**

Mons. Messias, 339 — Cx. Postal, 316 — 35.700 — Sete Lagoas — MG

Composta e impressa na
MINAS GRÁFICA EDITORA LTDA.
Rua Timbiras, 2062 — Fone : PABX 26-4822
Belo Horizonte — MG.